



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**GEOGRÁFICA(MENTE): OS LUGARES DO
PSIQUISMO. O ESPAÇO DE VIDA PENSADO E
VIVIDO NO RORSCHACH**

MARIANA POUCOCHINHO APARÍCIO

Orientador de Dissertação:

PROF^a DOUTORA MARIA TERESA SANTOS NEVES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF^a DOUTORA MARIA TERESA SANTOS NEVES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em clínica

Dissertação de Mestrado realizado sob a orientação de Prof^a Doutora Maria Teresa Santos Neves, apresentada no ISPA –Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Ao ISPA – Instituto Universitário e a toda a comunidade ispiana pelo espaço familiar de formação e desenvolvimento pessoal que me proporcionou ao longo destes anos.

À Prof^a Doutora Maria Teresa Santos Neves pela orientação fundamental e persistência no decorrer de todo o processo de elaboração da presente dissertação.

Ao Dr. Artur Sousa pela mão multifacetada e imprescindível que me deu nos últimos dois anos.

À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão pela participação determinante na “beleza do [meu] mundo”.

Ao Rodrigo pelo abraço, pelo calor e pela resiliência.

Por fim à Margarida, à Sofia, à Tita e também à João, porque fizemos isto juntas, mesmo que por trilhos diversos.

Resumo

Nesta investigação explora-se a noção de espaço de vida e a vantagem da sua aplicação na compreensão do funcionamento mental.

O modelo proposto por Meltzer (1973/1990, 1974/1994, 1978a/1994, 1978b/1998, 1984, 1986, 1991/1992, 1992; Meltzer Bremner, Hoxter, Weddell & Wittenberg, 1975; Meltzer & Williams, 1988/1994), divide o espaço mental em seis áreas geográficas – mundo externo, útero, interior dos objectos externos, interior dos objectos internos, mundo interno e sistema delirante (situado em “lugar nenhum”, a única que não tem realidade específica) – que se diferenciam e desenvolvem segundo a dimensão do tempo (que é fechado, circular, oscilatório e linear, no progresso maturativo), caracterizando vivências dimensionais progressivamente mais complexas – unidimensional, bidimensional, tridimensional e quadridimensional. Apesar de não oferecer uma construção clara da dinâmica implícita no funcionamento psíquico, este quadro teórico contempla todos os aspectos que o definem e permite o estudo aprofundado de cada um deles, revelando-se valioso e promissor no conhecimento da mente humana.

A utilização da técnica Rorschach na caracterização da geografia mental e das dimensionalidades que dão forma ao funcionamento mental constitui-se como uma mais-valia do ponto de vista da investigação psicanalítica. O estudo de um caso clínico e do protocolo que o integra, para o qual foram criados procedimentos de análise específicos, resultantes da articulação dos pressupostos teóricos com a metodologia Rorschach descrita por Chabert (1997/2003, 1998/2000), confirma a viabilidade e potencialidade desta abordagem na investigação e compreensão do espaço de vida, com benefícios ao nível da prática clínica, mas sobretudo no aprofundamento do conhecimento teórico que a enquadra.

Palavras-chave: Espaço de vida; Geografia da mente; Rorschach

Abstract

This investigation explores the notion of life-space and the advantages of its application to understand the mental functioning. In Meltzer's model (1973/1990, 1974/1994, 1978a/1994, 1978b/1998, 1984, 1986, 1991/1992, 1992; Meltzer Bremner, Hoxter, Weddell & Wittenberg, 1975; Meltzer & Williams, 1988/1994) the mental space is divided in six geographic areas – external world, utero, inside of the external objects, inside of the internal objects, internal world and delusional system (in “nowhere”, the only who has not psychic reality). Each geographic area develops and become differentiated according to the dimension of time (closed, circular, oscillatory and linear in the course of maturation process) characterizing gradually more complex dimensional experiences – one-dimensionality, two-dimensionality, three-dimensionality and four-dimensionality. Despite this model not providing a clear view of the dynamics of mental functioning, it covers all the aspects that defines it and allows a deep study of each of them, bringing valuable and promising regarding knowledge the study of human mind.

The use of Rorschach technique to describe the mental geography and the various dimensionalities can bring important contributions to psychoanalytic research. Specific analytical procedures were created based on articulation between the theory and the methodology described by Chabert (1997/2003, 1998/2000). Clinical material from a Rorschach protocol was analyzed revealing that this approach it's feasible and has potential not only in clinical practice but also on theoretical level.

Key-words: Life-space; Geography of mind; Rorschach

Índice

Agradecimentos	II
Resumo	IV
Abstract.....	V
Geográfica(mente): Os Lugares do Psiquismo. O Espaço de Vida Pensado e Vivido no Rorschach	1
O Espaço Pensado: Enquadramento Teórico.....	3
Concepção Teórica do Espaço: Influências	3
Espaço de Vida	5
Organização do espaço de vida.	5
Organização funcional do self e dos objectos.	7
Uma Geografia da Mente. Para Quê?	22
O Espaço Vivido: Metodologia	25
Delineamento de Pesquisa	25
Participante.....	25
Instrumento.....	27
Procedimentos de análise.....	28
Análise dos Resultados	32
Discussão	41
Conclusão	43
Referências	47
Anexo A.....	49
Anexo B.....	59
Anexo C.....	67

Geográfica(mente): Os Lugares do Psiquismo. O Espaço de Vida Pensado e Vivido no Rorschach

A psicanálise não é uma teoria construída no vazio ou uma pura especulação do espírito, mas um esforço científico para compreender o funcionamento psíquico, não ignorando a base biológica da vida mental, a dimensão histórica e cultural do homem, a sua inter-relação dialéctica, mas também, e ainda, que a actividade mental deriva de uma estrutura funcional com as suas leis específicas e o seu significado próprio. (Matos, 1983, p. 477)

Porque a amplitude da acção humana não pode ser apartada do funcionamento mental de cada indivíduo e o mistério que este encerra é, em simultâneo, essência, preocupação profunda e objecto infinito de explicação, o trabalho que se apresenta pretende, acima de tudo, responder ao desejo humilde de servir o propósito psicanalítico.

A proposta é, em primeiro lugar, a de explorar o lugar da mente, assumindo que o espaço que ela ocupa na realidade externa reflecte um espaço interno real, vivo e vitalizante, que acolhe e organiza o funcionamento psíquico. Aplicar a noção de espaço aos processos psicológicos permite não só identificar os aspectos que os influenciam e proceder à sua delimitação tendo em vista uma investigação aprofundada, como também, compreendidas as partes, torna possível a observação da forma como se articulam entre elas e, assim, um conhecimento mais consistente do todo.

De acordo com estes pressupostos, estudar a compartimentalização e a organização do espaço psíquico de um indivíduo possibilita uma análise pormenorizada do seu funcionamento que, explorando os diversos pontos de vista oferecidos pela vivência particular de cada uma das áreas delimitadas, ultrapassa uma visão global, acedendo-se a um conhecimento mais profundo e específico que influenciará positivamente a prática clínica. Neste sentido, a técnica de Rorschach aparece como um instrumento útil nesta investigação na medida em que proporciona ao sujeito uma experiência multifacetada e abrangente, convocando a utilização dos recursos que possui na resposta ao apelo explícito e implícito da prova e permitindo a sua observação, da qual se podem retirar informações preciosas à compreensão do funcionamento individual, mas também do espaço em que ele existe.

O exame do espaço mental e da geografia que organiza o funcionamento psíquico que aqui se propõe é composto, assim, de duas partes. A primeira, de carácter teórico, compreende

o estudo aprofundado do modelo explicativo proposto por Meltzer (1973/1990, 1974/1994, 1978a/1994, 1978b/1998, 1984, 1986, 1991/1992, 1992; Meltzer Bremner, Hoxter, Weddell & Wittenberg, 1975; Meltzer & Williams, 1988/1994), em articulação com outros autores e tendo em conta as suas influências. A segunda descreve uma abordagem prática dos pressupostos teóricos através da sua utilização na análise da prova projectiva de Rorschach, discutindo, com base na ilustração metodológica, os benefícios da sua aplicação.

O Espaço Pensado: Enquadramento Teórico

Em analogia ao universo que contém o mundo compartimentalizado que o indivíduo humano habita, dentro deste é, poderá pelo menos ser, intuído o espaço, também vasto, também complexo, também dinâmico e plural, que ele vive. É este espaço, o psíquico, incontestável, se não na forma (porque esta depende da metáfora aqui utilizada) certamente na sua essência e existência, que aqui se pretende estudar, explorando o “ponto de vista” de Meltzer (1973/1990, 1974/1994, 1978a/1994, 1978b/1998, 1984, 1986, 1991/1992, 1992; Meltzer et.al., 1975; Meltzer & Williams, 1988/1994), que na sua obra o nomeou e preencheu.

A primeira parte deste trabalho compreende, assim, uma análise da constituição do espaço psíquico enquanto conceito útil à caracterização do funcionamento mental, a conceptualização do espaço de vida no modelo teórico referido e uma viagem exploratória pelo desenvolvimento psíquico tendo em vista o estudo da geografia da mente, no que respeita à sua constituição, diferenciação, e vivência, terminando com uma análise crítica sobre as potencialidades desta metáfora na compreensão do “ser” humano.

Concepção Teórica do Espaço: Influências

O modelo neurofisiológico freudiano descreve a vida mental em estreita ligação com o corpo e as suas necessidades, essencialmente dedicada a encontrar meios para as gratificar sem perscrutar o papel do ambiente, humano e não humano. Freud não concebe, contudo, apesar de ter desenvolvido o conceito de Superego e falado de internalização (Freud, 1915/1969, 1923/1969), um mundo interno real, movido pela emoção, e onde inevitavelmente se sucedem acontecimentos reais de forma implacável, tais como os ataques sofridos pelos objectos no seu espaço interior, cujos danos produzem alterações psicopatológicas (Meltzer, 1974/1994, 1984).

É Klein, ao ouvir as crianças falar sobre o interior do seu próprio corpo e do corpo da mãe, quem postula a existência precoce de um espaço de vida interno tão real quanto o mundo exterior, elaborando um modelo “geográfico” da mente. Com base nesta descoberta, reformula o conceito de fantasia inconsciente que, tal como o sonho (transacção análoga, referente ao período do sono), é imagem e comprovativo de uma vida onírica, implicando, desta forma, que o mundo interno tenha a significância de um “lugar”, um espaço de vida complexo, povoado de objectos internos bons e maus (vinculados com o pai, com a mãe e

com as várias partes dos seus corpos, são o resultado de uma expansão do Superego freudiano), onde as relações se jogam e o significado da vida se gera para se desdobrar no mundo exterior. Além disto, ao expandir o conceito de clivagem do ego, descrito primeiramente por Freud (1938), Klein sugere que, ao fazer uso da clivagem e idealização, dividindo e qualificando objectos e self, o indivíduo vive múltiplas vidas (consoante o objecto presente, bom ou mau). Estas encontram-se em maior ou menor harmonia umas com as outras e vão alcançando a integração na transição da posição esquizoparanoide para a depressiva, processo árduo e doloroso, cuja oscilação caracteriza o crescimento mental. Com o conceito de identificação projectiva, e a possibilidade de colocar no outro diferentes partes do self, Klein multiplica o número de mundos que as várias partes da mente podem habitar, introduzindo a noção de “regiões” no interior dos objectos (Klein, 1946/1987, 1948/1987, 1958). Desta formulação resultam implicações importantes: os habitantes de mundos diferentes não se compreendem uns aos outros por utilizarem a linguagem de diferentes quadros de referência; viver dentro de um objecto é viver num outro mundo, de perturbação severa, diferente quer da realidade psíquica quer da realidade externa (Meltzer, 1973/1990, 1984).

Bion, ao descortinar os processos subjacentes ao pensar, concebe um aparelho (função α) que transforma as impressões dos sentidos (representação mental da “experiência emocional”) em elementos (elementos α) que podem ser pensados ($Ps \leftrightarrow D$). É em primeiro lugar no espaço mental interno da mãe, na realização da expectativa do seio e com a sua capacidade de “rêverie” ($\text{♀} \text{♂}$), que esta transformação ocorre até que a função possa ser internalizada. Este processo, progressivo, permite que dentro da criança a dor mental provocada pela “catástrofe da nova ideia” possa ser tolerada tempo suficiente, levando a que das ligações estabelecidas (vínculos L, H e K) entre a “nuvem de incerteza” (realização, no que agora se explica negativa) e o “facto seleccionado” (cujo protótipo é a relação bebé-seio) surja o pensamento (Bion, 1962a/2003, 1962b/1991, 1963/1989, 1965). O modelo bioniano não só coloca a emoção no cerne da vida mental, como enfatiza a representação interna das funções que a mãe desempenha e destaca a centralidade da sua relação com a criança, descrevendo a mente (objecto combinado, seio-mamilo, masculino-feminino, $\text{♀} \text{♂}$) e a complexidade dos vínculos que se estabelecem na vivência do mundo (Meltzer, 1978b/1998, 1984).

Reconhecida a influência importante destes autores, Meltzer adiciona o modelo geográfico de mente de Klein e o modelo epistemológico de Bion ao neurofisiológico

sugerido por Freud, acrescentando o seu próprio modelo baseado na dimensão estética (Cassese, 2002/2003).

Defendendo a existência de um sentido estético no bebé, possivelmente mesmo antes do nascimento, que implica uma vivência qualitativa, e não meramente quantitativa, da experiência sensitiva, Meltzer (1986) classifica as emoções nas que celebram a beleza do mundo, nas que dão conta da sua fragilidade e nas que surgem da sua perversão. A mãe é o mundo e a beleza do seu exterior e o mistério do seu interior (como afirma Klein), e também da mente (de acordo com Bion), despoletam no bebé a sede de conhecimento e leite (Meltzer, 1986; Meltzer & Williams, 1988/1994), estando, assim, o impulso para o desenvolvimento, conhecimento e criatividade na necessidade de descobrir o interior do objecto presente, e não apenas na representação do objecto ausente desejado, como Bion supõe (Cassese, 2002/2003). A ausência física, tal como a psíquica (na forma de não resposta ou resposta inadequada) parece ser, portanto, atribuída ao mistério que preenche o objecto, cuja resposta só pode ser encontrada no seu interior. Contudo, o encontro com a beleza do mundo, representado na “experiência emocional”, desperta também inveja (nos termos de Klein), ou emoções negativas (representadas por Bion pelos vínculos -L, -H e -K), e portanto um conflito estético (Meltzer, 1986; Meltzer & Williams, 1988/1994), cuja resolução é motor e condicionante da constituição e diferenciação do espaço psíquico.

Espaço de Vida

Além da corrente delimitação de Id, Ego e Superego, a estrutura da personalidade pode, segundo Meltzer et.al. (1975), ser pensada sob o ponto de vista da *organização da geografia do espaço de vida* e da *organização funcional do self e dos objectos*.

Organização do espaço de vida.

Segundo Meltzer et.al. (1975) o indivíduo não existe apenas num sistema de respostas fisiológicas a estímulos internos e externos, ele existe num mundo a quatro *dimensões* que constituem o *espaço de vida*, dividido em compartimentos geográficos que se movem também numa *dimensão temporal*.

No modelo que o autor propõe a *geografia da mente* é subdividida em seis áreas diferentes: o *mundo externo*, o *útero*, o *interior dos objectos externos*, o *interior dos objectos internos*, o *mundo interno*, e o *sistema “delirante”* (geograficamente falando, em “lugar nenhum”) (Meltzer et.al., 1975).

Com uma realidade psíquica além da realidade concreta, que suscita movimentos adaptativos, largamente apreendidos por processos de mimetismo infra mentais e tentativa-erro, o *mundo externo*, no qual o indivíduo inevitavelmente se insere, é lugar de acontecimentos e objectos com impacto emocional e desencadeia processos de imaginação, levando à procura do seu significado por meio da formação simbólica (função α) e do pensamento. Por outro lado, mediante a capacidade de desdobrar a emoção (reagindo à dor da ambivalência e da incerteza que esta provoca), isto é, a “resposta estética” inata à beleza do mundo, que integra os vínculos L, H e K (terminologia adaptada da “Teoria dos Vínculos” de Bion, 1959/1988, 1962b/1991), é possível atribuir significado a outros acontecimentos e objectos cujo impacto não é substancial (Meltzer, 1992; Meltzer & Williams, 1988/1994).

Também com realidade psíquica, o *útero* é palco das primeiras experiências emocionais e de formação simbólica e pensamento rudimentares (como se infere quer da prática clínica, quer da observação e dos dados ecográficos do feto nos últimos meses de gestação), constituindo, assim, a base sobre a qual a experiência com o mundo exterior, e em particular os primeiros encontros com o corpo e com a mente da mãe, tem o seu impacto crucial (Meltzer, 1992).

A inferência de uma realidade psíquica no *interior dos objectos externos* faz-se quer da experiência antiga de ter vivido dentro da mãe, quer do mistério que ela encerra em si ao ser capaz de coisas tão extraordinárias como receber, permanecer, transformar e devolver, mas também de privar, o que alimenta a imaginação do sujeito e lhe atribui, por analogia, um mundo interno próprio. Por outro lado, ao passo que as formas dos objectos externos moldam o mundo interno, é aí que se gera o significado que os preenche (Meltzer, 1992; Meltzer & Williams, 1988/1994).

Implantados no self a vários níveis, os *objectos internos* contêm qualidades e funções e evocam emoções. Parciais ou totais, transformam-se, actualizam-se, combinam-se entre si e são alvo de identificação e projecção. Meltzer dá particular importância à compartimentalização especial do *interior do objecto materno*, cuja concepção difere consoante a sua construção deriva da imaginação ou da intrusão (patológica). As funções das diferentes partes do corpo da mãe, apreendidas por analogia entre a experiência que a criança tem dos seus orifícios e os serviços que ela pode executar, têm o pressuposto de estrutura

interna, e as suas formas, primeiramente emprestadas da imaginação do mundo exterior, influenciam posteriormente a construção do significado do mesmo (Meltzer, 1992). Nas palavras de Meltzer, “it is at this level of psychic reality that form and function are experienced as wedded so that beauty is truth, truth beauty.” (Meltzer, 1992, p. 59).

É no *mundo interno* que os objectos internos se relacionam e o self se organiza. Diferentes partes do self (infantis/adultas) têm diferentes objectos internos, que assumem configurações distintas, apresentando combinações e distâncias variadas, e níveis de controlo/liberdade diversos. Segundo o autor, a reintegração dos objectos internos é contingente à reintegração do self, o que, por seu turno, possibilita o desenvolvimento dos objectos internos (Meltzer, 1992).

Finalmente, o *sistema “delirante”* desenvolve-se através do “aprender com a experiência”, paralelamente à constituição das restantes áreas com realidade psíquica, e é o receptáculo das ideias delirantes e objectos bizarros produzidos pelo fracasso da função simbólica. Ao contrário dos outros mundos, neste operam forças anti vida e anti emoção, que utilizam ferramentas “amentais” e um mimetismo negativo para minorar os vínculos L, H e K (Meltzer, 1992).

Os processos de constituição e diferenciação do *espaço de vida* nas áreas geográficas descritas traduzem-se numa vivência do mundo progressivamente mais complexa e qualitativamente mais rica. A *dimensionalidade espacial* tem, assim, um desenvolvimento (da unidimensionalidade à quadridimensionalidade), que influencia e se deixa influenciar pela *dimensão do tempo*, sentido pelo indivíduo como “fechado”, circular, oscilatório e finalmente linear, desde a concepção até à morte (Meltzer et.al., 1975). A sua caracterização e a dinâmica que lhe está implícita dependem necessariamente da organização funcional do self e dos objectos.

Organização funcional do self e dos objectos.

Para ilustrar a dinâmica que organiza self e objectos, e assim o espaço psíquico, caracterizando as diferentes dimensionalidades e a constituição das áreas geográficas, parece ser útil acompanhar a “história do desenvolvimento infantil” proposta por Meltzer (1986), articulando-a com outras formulações do autor (Meltzer, 1973/1990; 1978a/1994;

1978b/1998; 1984: 1991/1992; 1992; Meltzer *et.al.*, 1975; Meltzer & Williams, 1988/1994), e discutindo-a.

O mundo uterino.

When the neural system of the foetus has reached a point of anatomical complexity sufficient for integrated functioning (three months? Six months?) behavioural responses to internal and external stimuli commence with the purpose of maintaining a tolerable (pleasant?) level of excitation alternating with non-REM sleep. As the complexity of the patterns of stimulation and responses increases, excitation of the apparatus begins to give way to a new level of cognition characterized by proto-emotions, the observation of which by consciousness sets in motion the first proto-mental processes, alpha-function. This function correlates formal gestalten of the sensory organs to the observed emotion to make symbolic representations of the meaning of the emotion (...) primarily auditory and rhythmic in form with a bodily dance-like aspect". (Meltzer, 1986, p.123)

De acordo com Meltzer & Williams (1988/1994) os sons e movimentos do corpo materno, a voz da mãe e os sons mais abafados de outras pessoas e coisas são as experiências que despertam a atenção e o interesse do feto, sendo a voz da mãe a mais evocativa e o vector do primeiro impacto estético, ao qual a resposta é passional, expressa nos vínculos L, H, e K. No entanto, os eventos neste estado tão primitivo (dominado pelo Id e respectivas economia e dinâmica) são abafados no útero, vagos e impossíveis de coordenar, não sendo considerados exactamente "mentais", já que não podem ser pensados nem guardados na memória, o que impede, assim, a sua recuperação e a construção de uma base para a antecipação (Meltzer, 1986; Meltzer *et.al.*, 1975).

A descrição de um feto capaz de dar sentido a experiências, ainda que de forma limitada, numa espécie de tropismo, parece corresponder à *vivência unidimensional*. Esta caracteriza-se pela experiência de um mundo com centro no self do qual parte um sistema de linhas radiais em relação aos objectos do mundo externo, concebidos como potencialmente atractivos ou repelentes. Tempo e distância não se distinguem, estabelecendo uma relação linear que define um *tempo "fechado"* (composto de velocidade), e a emocionalidade tem

lugar apenas de forma polarizada, resultando, por exemplo, na indiferenciação entre gratificação e fusão com o objecto (Meltzer et.al., 1975).

Assim sendo, o útero aparece como a primeira área geográfica constituída, que representará a totalidade do espaço psíquico (porque o feto é parte da mãe, e se esta é, para todos os efeitos, o mundo, ele próprio é o mundo), até que a existência de um mundo exterior se anuncie e possa ser percebida como tal.

À superfície.

But as gestation approaches term and the confines of the womb begin to narrow, various types of distress begin to ensue and reversal of alpha-function begins to produce disturbing mental products. Hallucinations and psycho-somatic disturbance result and an object for evacuation and containment begin to be sought. The placenta fails to perform this function (. . .) a desire to seek such objects generates efforts to find egress from the claustrum. But the world outsider comes as a great shock because of the intensity of stimuli which impinge on every sense...”. (Meltzer, 1986, p. 123)

A percepção de um mundo diferente que aqui se descreve, apreendida primeiro desde o interior do útero e depois no mergulho no exterior extraordinariamente estimulante, parece inaugurar a *vivência bidimensional*. Os objectos confundem-se com as qualidades sensitivas que podem ser apreendidas das suas superfícies pelo self, também ele uma superfície sensitiva, habilitado a perceber e apreciar as suas qualidades superficiais sem, no entanto, à custa de uma imaginação empobrecida, ser capaz de os (ou aos eventos) construir no pensamento como distintos dos actualmente experienciados (de acordo com Bion, o self é incapaz de distinguir um bom objecto ausente de um objecto ausente persecutório, ou “mau objecto”, segundo Klein). Por não ser possível, ainda, conceber um espaço interno na mente que acolha fantasia e acção experimental, o pensamento e a imaginação são limitados e a memória e o desejo estão debilitados, pelo que experiências de regressão ou progressão, das quais a memória de eventos passados possa ser reconstruída de forma mais ou menos precisa para tornar possível o esboço de um futuro, não podem ocorrer. A relação do self com o *tempo* é, assim, *circular*, a mudança durável não pode ser concebida e qualquer ameaça a esta imutabilidade é experienciada como uma quebra das superfícies (Meltzer et.al., 1975).

A descrição da vivência bidimensional dada por Meltzer et.al. (1975) corresponde à “posição autista-contígua” formulada por Ogden (1989), a qual enfatiza a dominância da experiência sensorial (ritmo, som, forma, textura, etc.) obtida no contacto com o objecto e com o mundo externo, enquanto mecanismo pré-simbólico fundamental na organização do self (Ogden, 1989). Isto remete para a importância do papel da mãe, e das características do “holding” que proporciona, descritas por Winnicott (1960).

Como se depreende da passagem transcrita, ao desconforto crescente do estreitamento do útero, acresce o processo simultaneamente excitante e aterrador do nascimento, do qual resultam novos constrangimentos físicos (funcionamento pulmonar, frio, securo e experiência gravitacional da densidade e da imobilização), que se contrapõem à percepção visual da mãe, da sua face e do seu seio, na fórmula rebuscada do impacto estético e sensual do mundo exterior (Meltzer & Williams, 1988/1994).

No entanto, qualquer que seja a conotação dada ao estímulo, o seu excesso provoca dor mental que, não podendo ser tolerada nem transformada, deve ser evacuada sob a forma de “elementos-beta-com-traços-de-ego-e-superego” (Bion, 1963/1989). Bick (1968) explica que nesta fase muito precoce as partes da personalidade não têm força de ligação entre si e que esta não-integração é sentida como desamparo que produz ansiedades catastróficas, aplacadas apenas pela experiência passiva da pele, que tem, assim, a função de fronteira. A necessidade de manter reunidas as partes da personalidade, e portanto de contenção, conduz a procura frenética de um objecto (uma luz, voz, cheiro...) que possa segurar a atenção e desse modo ser experienciado como desempenhando essa função. O objecto óptimo é o mamilo na boca, juntamente com o abraçar, o falar e o cheiro familiar da mãe (Bick, 1968). A criança depende, assim, deste objecto tanto para serviços como para funções do ego, estabelecendo um vínculo narcísico que não só estende o corpo da criança ao corpo mais capaz do objecto, como também estende a mente, ao fazer uso da capacidade de “rêverie” materna para dar sentido à totalidade da experiência. Isto define a “Identificação Adesiva” (Meltzer, 1974/1994; Meltzer et.al.1975).

Por outro lado, o encontro com o objecto necessitado traz consigo um conflito determinante, o conflito estético:

A devotada mãe comum apresenta ao seu bebé um objecto complexo de grande interesse, tanto sensorial como infra sensorial, a sua beleza externa, concentrada nos seios e na face, complicada pelos mamilos e pelos olhos, bombardeando o bebé de uma experiência emocional de qualidade passional; em simultâneo a mãe é enigmática

para o bebê, o significado do seu comportamento, o aparecimento e desaparecimento do seio e da luz dos seus olhos é desconhecido, e ele tem que esperar pela definição do mundo interno dela; o bebê fica à defesa perante a experiência dúbia que a mãe lhe proporciona, com a expulsão ou fuga do útero e o dar e tirar constante das coisas boas e más (a mãe tira dentro do bebê o morder mas também lhe fornece uma coisa que explode e que ele tem de expelir por si)”. (Meltzer & Williams, 1988/1994, p. 44)

Este conflito é, segundo Meltzer & Williams (1988/1994), tal como a posição depressiva (no amor pelo objecto), primário para o desenvolvimento. No entanto, a força do seu impacto provoca o “fechar” da percepção, um “voltar para a caverna depois do nascer do sol ofuscante”, em analogia à Alegoria da Caverna de Platão (que o autor utiliza), e em consequência o estabelecimento da posição esquizoparanoide (Meltzer & Williams, 1988/1994).

A resolução do conflito passa pela tentativa de desvendar o mistério, que traduz a sede de conhecimento (K) relativamente sobretudo ao interior do objecto, a qual apenas pode ser satisfeita em primeiro lugar com a possibilidade de penetrar o objecto e dele obter contensão.

Nesta experiência, fundamental ao desenvolvimento saudável do self, podem colocar-se vários problemas, dando origem aos diferentes quadros patológicos que o autor descreve (Meltzer, 1984) e que parecem corresponder, pelas suas características, à vivência bidimensional:

- A “falha no ajustamento pós-natal”, provocada provavelmente por *stress* fetal devido a complicações no último mês da gravidez, resulta na experiência do nascimento enquanto expulsão de um paraíso indolor. Esta traduz-se numa insensibilidade à beleza do mundo, vivida apenas como um bombardeamento, que é rejeitada e procurada apenas no desejo de recaptura. Nestes casos as crianças parecem ignorar as suas necessidades corporais e o uso do aparelho sensorial e motor, mostrando-se passivas e sem *stress*, levando à assunção de um desligamento emocional por parte das mães;
- Na “falha primária no desenvolvimento mental” a criança parece não evocar na mãe qualquer fantasia, emoção ou atenção quer durante a gravidez, quer no nascimento, fazendo dela um contentor rígido, incapaz de conter as emoções do bebê que, para seu alívio, tende a ficar retido na bidimensionalidade. O comportamento mecânico da mãe elimina todo o contacto emocional, pelo que

a criança pode adquirir algumas competências adaptativas, fundamentalmente a nível motor, sem desenvolver, no entanto, as funções simbólicas que derivam das emoções (linguagem, pensamento, capacidade de sonhar);

- No autismo e nos estados pós-autistas, a beleza da mãe tem um impacto excepcional, no entanto ela é sentida como sendo impenetrável, e por isso não contentora, levando a criança, perante a não integração insuportável, ao abandono da vida mental. A sua sobrevivência é assegurada pela identificação adesiva com uma mãe cuja presença extraordinariamente bela é também dolorosa, já que a impossibilidade de experienciar contenção através da penetração é tida como rejeição.

À parte da contribuição importante do estudo do autismo e da psicose, que permitem indagar o funcionamento precoce, para a delineação do modelo do desenvolvimento mental que aqui se explora, a observação de crianças autistas permitiu pôr a descoberto importantes mecanismos primitivos, como é o caso do “dismantling”. Neste processo a atenção, órgão que apreende os sentidos, e assim a experiência, é suspensa com a redução passiva do self e dos objectos em segmentos de experiência sensorial (o self “cai em pedaços”), que assim podem ser controlados, enquanto os sentidos da criança se separam e são atraídos para um objecto que momentaneamente a estimula, permitindo o evitamento da experiência emocional ou mental significativa, impossível de conter, que fica assim desprovida de sentido (Meltzer et.al., 1975). Nesta perspectiva, a compulsividade observada no autismo visa isolar a criança num mundo “sem tempo” através da repetição obsessiva de acções com vista a retirar significado à experiência, evidenciando a expressão primitiva de controlo e onipotência, que aqui não é agressiva, ao contrário da fragmentação, onde o movimento é mais o de uma explosão, e permite uma reestruturação sem esforço (a ilustração deste mecanismo é o brinquedo de madeira que se monta e desmonta consoante a pressão exercida na mola que mantém juntas as várias partes que o constituem). Contudo, este processo prejudica o desenvolvimento, nomeadamente à custa dos danos causados nos objectos. A possibilidade de retorno à vivência unidimensional que o “dismantling” proporciona, e assim a oscilação entre dimensionalidades, é característica do autismo. No entanto oscilação e mecanismo são comuns nos recém-nascidos e podem ser encontrados de forma mais ou menos frequente em todos os tipos de funcionamento (Meltzer et.al., 1975; ver também Cassese, 2002/2003).

Complexo tridimensional.

Encontrado um objecto passível de ser penetrado, para sobreviver ao confronto entre amor e ódio e bem e mal (correspondentes à sua presença/ausência e desempenho), e à dor que ele provoca, a criança faz uso da clivagem-e-idealização e, depois, da clivagem-e-identificação projectiva, descritas por Klein (1946/1987, 1958), dividindo-se self e objectos em segmentos “bons” idealizados e “maus” persecutórios (clivagem vertical, nos termos de Meltzer, 1973/1990).

Segundo Ogden (1989), a clivagem resulta numa descontinuidade entre as várias valências emocionais da relação de objecto, e portanto da experiência. Não havendo ainda espaço entre símbolo e simbolizado, o objecto é da forma como é sentido no momento, sem que possa ser algo mais além disto (“modo esquizoparanoide” de gerar experiência). Esta equação simbólica (Segal, 1957, citada por Ogden, 1989) reflecte a experiência bidimensional, ainda que se possa situar, de acordo com a perspectiva que aqui se apresenta, numa fase de transição.

Apesar disto, esta divisão é fundamental já que a relação idealizada mãe-bebé é o protótipo para o desenvolvimento do amor, da confiança, da gratidão e da esperança, derivando a segurança contra a perseguição, dor e morte, da força e dos serviços providenciados primeiro pelo seio idealizado, depois pela mãe num conceito mais coerente, mais tarde o pai, etc.. (Meltzer, 1973/1990). No entanto, para que este processo tenha lugar é necessário que um espaço interno se desenvolva através da experiência continuada de um objecto capaz de conter as partes do self até que o sujeito, por identificação, o possa fazer (Bick, 1968). Este espaço, que assim se vai constituindo enquanto, do mesmo modo, a função α , assegurada pela capacidade de rêverie materna, é progressivamente internalizada (Bion, 1962a/2003, 1962b/1991), anuncia o estabelecimento da *tridimensionalidade*.

De acordo com Meltzer et.al. (1975) para que um mundo tridimensional possa ser vivenciado é condição necessária a capacidade do objecto para proteger e controlar os seus próprios orifícios, permitindo ao self conter e resistir às penetrações agressivas, e adquirir, por identificação, um espaço potencial e também a potencialidade de um contentor. Mas porque o sentimento de ser um recipiente continente depende da experiência prévia de uma contenção adequada, o interior do objecto persiste em ter o significado de um estado anterior da mente (vida no útero). A diferenciação do self e do objecto evidencia-se no movimento implacável que o tempo faz de dentro para fora do objecto, no entanto, a onipotência opera através da fantasia da identificação projectiva, afirmando não só a reversibilidade desta diferenciação

mas também a reversibilidade da direcção do tempo, surgindo assim um *tempo oscilatório* (Meltzer et.al., 1975).

Recuperando a “história do desenvolvimento”:

Having found this receptive-containing object which enables it to resist the inclination to turn away from the pain of its mental experiences by reversing its alpha-function, the infant is beset by three problems: 1) the object is not always present when needed; 2) it sometimes fails to perform its services satisfactorily; 3) its beauty is both thrilling and agonizing. The baby's natural tendency (derived from primitive one-dimensional tropism levels) is to split the object into good and bad, but this also splits itself into segments which are attracted to, and identify with these objects (. . . .). The development of personality *structure* has begun”. (Meltzer, 1986, p.124)

A aquisição de um espaço interno traz consigo delimitação e estrutura.

O mistério que envolve o objecto encontrado, promotor de alegria (L) e dor (H), e portanto de ambivalência, tem solução com o conhecimento (K) do seu interior (Meltzer & Williams, 1988/1994). O desenvolvimento dos objectos internos dá-se, assim, segundo uma concepção idealmente imaginativa do interior da mãe interna. O espaço vasto e indiferenciado, que contém em si todas as formas de vida, transforma-se, por meio da analogia entre as experiências que a criança tem dos seus orifícios e as funções que a mãe desempenha e os desejos que estas despertam, num objecto compartimentalizado, em grande medida parcial (Meltzer, 1992).

Enquanto um comportamento integrado da mãe permite ao bebé experienciar progressivamente uma integração consensual (cabeça do bebé para a cabeça/seio da mãe), as falhas nas funções que desempenha e a incerteza que provoca dificultam uma concepção também integrada do seu interior (Meltzer, 1992).

As primeiras funções reconhecidas à mãe, de alimentar e receber os dejectos do bebé (clivagem vertical), são agora alvo de preocupação: é necessário garantir que o lixo rectal não polua o seio nem envenene os outros bebés que, tal com ele esteve, estão dentro de si e são os responsáveis pela sua bondade, e estes não podem de maneira nenhuma alcançar o leite e ocupar os seus pensamentos. Isto obriga ao estabelecimento de três espaços delimitados no corpo da mãe (o que o autor designa por clivagem horizontal): o seio, no topo, e na parte inferior, a vagina e o recto (Meltzer, 1973/1990, 1992). Emprestadas as formas atribuídas a

estes compartimentos do que a criança pode observar da vida familiar (Meltzer, 1992), a relação dos pais é crucial para o seu funcionamento, tornando-se este objecto, ainda que a um nível parcial, num objecto combinado. O interior do corpo da mãe adquire, com base na fantasia da relação sexual do casal, estruturas análogas ao pénis do pai que têm como funções a protecção e a manutenção da ordem. Enquanto a regulação do fluxo de leite, a separação dos espaços, o policiamento e expulsão dos intrusos são efectivados por pénis sem testículos experienciados no esfíncter de cada área (boca, ânus e intróito), cabe ao pénis provido de testículos, através do sémen, fonte de criatividade, fornecer os materiais em bruto para a produção de leite, alimentar os bebés no genital da mãe e purificar o recto (Meltzer, 1973/1990).

A dependência da mãe externa e da sua capacidade transformadora, que persiste numa primeira fase (já que outras figuras se vão acrescentando ao longo do desenvolvimento), traduz-se na utilização da identificação projectiva que, sendo meio de comunicação, é também movimento contrário à distinção self-objecto, complicando a sua representação interna de uma forma integrada. Para que a integração seja alcançada é necessário que no curso do processo maturativo os conflitos correspondentes a cada compartimento sejam progressivamente resolvidos, respeitando a ordem que levou à sua formação (que será também a da sua imposição): em primeiro lugar os pré-genitais, cabeça-seio e recto, e só depois o genital (Cassese, 2002/2003). Isto sugere que a vivência tridimensional se estende dos primeiros tempos de vida após o nascimento à adolescência, abarcando as fases do desenvolvimento psicosexual descritas primeiro por Freud (1905/1969), mais tarde por Abraham (1916-1925/1966), não rejeitadas por Klein (1958) e seus seguidores, apesar das suas conceptualizações inovadoras, e exploradas por outras correntes, como conclui Willoughby (2001).

Sendo clivagem e identificação projectiva processos ubíquos nesta fase do desenvolvimento (com picos e expressão diferente ao longo do mesmo, vejamos o caso do período de latência, significativamente diferente da adolescência, por exemplo), a atitude face à dor mental passa por procurar alívio/satisfação no interior do objecto através da projecção e identificação com o objecto interno, na impossibilidade de comunicação eficaz com o externo. Este mecanismo, possível por meio da fantasia associada à masturbação anal, merece a designação de Identificação Intrusiva e transforma o objecto interno flexível e imaginado num “claustrum” edificado que pode ser habitado (Meltzer, 1992).

De acordo com Meltzer (1986) o Claustrum é, à semelhança do que foi descrito sobre o objecto, dividido em três compartimentos de acordo com as funções que desempenham. O

topo/seio é lugar de magia, oxigénio, luz, conhecimento, acuidade sensorial e romantismo, em contraste com a parte inferior anterior/recto, que evoca sadomasoquismo, pénis-fecais, e comida-fecal, remetendo a parte inferior frontal/vagina para erotismo, bebês, pénis e sangue-comida. Relativamente à sua estrutura, ela depende dos portais de entrada, do contacto sensorial com o mundo externo, da textura, força e flexibilidade das paredes e da intercomunicação com outras áreas internas (Meltzer, 1986). Ao passo que os portais de entrada para a projecção comunicativa são limitados, no nível infantil, a sentidos especiais do objecto e áreas não eróticas da pele, qualquer sentido ou orifício é um portal potencial para a parte da personalidade em identificação intrusiva – os olhos podem ser invadidos pela exibição, os ouvidos por mentiras, o nariz pelo gases, a boca por pedaços ilícitos, a pele por beliscões e arranhões, e o ânus, a uretra e a genitália por dedos e objectos – sendo que o modo de entrada varia entre a violência clara e a artimanha. Além disso, o intruso (parte do self), necessariamente infantil, é vítima de ansiedades pelo facto de não ter sido convidado, sentindo-se impostor, fraudulento e potencialmente traidor, mas também apartado do mundo da intimidade e da sua beleza, a que pode eventualmente ter acesso (ver, ouvir, cheirar, provar) apenas por meio do objecto (Meltzer, 1992).

Nesta abordagem é necessário ter em conta que o papel da identificação intrusiva no funcionamento mental depende do espectro de maturidade das partes envolvidas, que vai desde o recém-nascido ao adolescente, a qualidade dessas partes, descrita em termos de mais e menos L, H e K, calor e frieza, ou de necessidade de contacto versus isolamento, as particularidades da vivência nos três compartimentos do claustrum e a mobilidade entre eles, bem como o controlo do órgão da consciência/atenção (Meltzer, 1992). Importa ainda referir que os processos de identificação projectiva com o pai, interno ou externo, mesmo que envolvam o seu genital ou a sua mente, parecem, segundo o autor (Meltzer, 1992), apenas servir de meio para a intrusão no objecto materno.

A vida no claustrum caracteriza-se por uma visão pessimista da condição humana e por uma atitude conservadora. O sistema de valores que impera é o da sobrevivência e a perseguição e o perigo de ser detectado está patente em todos os compartimentos, sendo mais óbvia no recto, mas existente também no compartimento genital, na avidez por estimulação sexual, e no seio, através de uma espécie de “princípio de nirvana”. O sentimento de delinquência associado impede a sinceridade através de meias-verdades ou mentiras manipuladoras, que substituem ou simulam os vínculos emocionais por estados de excitação implementados pelo “story-telling” (história, parábola, alegoria ou confabulação que visa prevenir o pensamento), resultando não só no amortecimento da formação simbólica, como

também na substituição de pensamentos oníricos pela dependência dos símbolos recebidos e do pensamento inconsciente pela confabulação consciente (Meltzer, 1991/1992).

Enquanto a perseverança de uma parte infantil em identificação projectiva com o objecto interno apenas provoca, por norma, sintomas de claustrofobia/agorafobia e tendências maníacas ou depressivas no carácter, quando essa parte “aprisionada” consegue controlar a consciência o sentido de identidade é modificado, sendo a experiência do mundo exterior dominada por uma atmosfera claustrofóbica, e a sua imagem, em resposta à sensação de catástrofe eminente, compartimentalizada e estratificada (Meltzer, 1991/1992), à semelhança da organização social do mundo externo, particularmente da atmosfera da vida familiar, com a sua diferenciação clara entre crianças e adultos no que respeita a capacidades, prerrogativas, responsabilidades e experiência, que aqui são completamente substituídas pela hierarquia. O claustrum encerra, assim, três mundos com atmosferas e preocupações distintas: o da criminalidade, perversão, pobreza e doença (recto); o da sexualidade e procriação (vagina); e o da saúde, segurança e prazer sensitivo, não sexual (seio) (Meltzer, 1992). Em qualquer destes compartimentos a experiência claustrofóbica gera inquietação, e assim a tendência para alterar a geografia e/ou a ambição para escalar a hierarquia, existente ou não, na esperança de escapar à perseguição e atingir a segurança no topo (seio), o reino da indolência (Meltzer, 1991/1992).

A tudo isto acresce o tormento permanente de um “paraíso perdido”, imposto pela memória dos dois estados anteriores: a vida no útero e a vida das relações emocionais íntimas, do pensamento e do crescimento através do “aprender com a experiência” (Meltzer, 1991/1992). Contudo, apesar da carência da “alegria de viver”, a vida no claustrum proporciona diversos prazeres: a cabeça/seio oferece complacência, elitismo e ilusão de segurança; o compartimento genital o prazer erótico e a “satisfação”, que equivale a exaustão; e o recto sadismo, masoquismo, poder e decepção (Meltzer, 1992).

Imersas no mundo claustrofóbico, as partes da personalidade que vivem em identificação intrusiva não podem desenvolver-se. Dependendo de factores como a porção da personalidade enclausurada, a força/fragilidade e o controlo da consciência, bem como da capacidade de experienciar a beleza do mundo, elas podem permanecer assim identificadas, resistindo e escapando da perseguição, ser expulsas para o “lugar nenhum” do sistema delirante, na sequência da sua detecção e julgamento, ou regressar ao mundo das relações de objecto e dos vínculos emocionais (Meltzer, 1991/1992).

De acordo com Meltzer (1992) os distúrbios psicóticos caracterizam-se pelas estruturas efectivadas pela clivagem e identificação projectiva que influenciam

profundamente o carácter, o sentido de identidade, a capacidade para a formação simbólica, a visão do mundo, a formação conceptual (desenvolvimento cognitivo), e o humor, contrastando com os distúrbios neuróticos, cuja problemática se encontra nas lutas esquizoparanóides (Ps↔D). As esquizofrenias são um caso particular, já que a vivência se situa predominantemente no sistema delirante, apartada do contacto ou comércio com a realidade psíquica (Meltzer, 1992).

Tendo em conta o largo período de desenvolvimento abrangido pela vivência tridimensional, podem compreender-se os vários quadros patológicos como o resultado das soluções encontradas para os problemas impostos (problemáticas associadas ao desenvolvimento psicosexual, experiência do mundo externo, etc.) ao longo do processo de organização do self e dos objectos rumo à integração.

Assim, quando encontra na mãe um objecto contentor receptivo e vivo emocionalmente mas que está na maior parte das vezes ocupado com outros problemas, para enfrentar a disparidade entre a reciprocidade estética e a facilidade com que ela “adormece”, parecendo rejeitar a sua comunicação apaixonada, e na tentativa de reestabelecer contacto e negar a rejeição, a criança penetra secretamente no interior da mãe. Isto provoca um aprisionamento no mundo claustrofóbico que resulta na resistência à educação e ao desenvolvimento da linguagem e numa constante oscilação no estado mental, consoante o compartimento habitado a cada momento, e caracteriza as “psicoses de confusão geográfica” (Meltzer, 1984). Além disso, a indiferenciação self-objecto resultante da identificação intrusiva está também na origem de outras perturbações tais como a personalidade narcísica, os estados limite e as perversões (Cassese, 2002/2003).

Ultrapassadas as confusões geográficas, o limiar da posição depressiva pode ser alcançado, tornando possível o aparecimento do verdadeiro complexo de Édipo genital e a luta para aceitar o objecto combinado e a privacidade do casal parental (Meltzer, 1992). Para que isto se concretize, as confusões zonais, decorrentes da necessidade de gratificação, da excitação genital difusa e da indiferenciação das zonas erógenas e das suas funções, devem também elas ser clarificadas (Cassese, 2002/2003). Este é o trabalho, árduo, característico das neuroses.

Finalmente, a existência de uma ou outra parte infantil que vive em identificação intrusiva ou que facilmente, face a uma situação de perigo, se refugia no claustrum é ubíqua (Meltzer, 1992), pelo que uma visão do mundo com aspectos claustrofóbicos, com maior ou menor expressão, é característica do “ser” humano.

A quarta dimensão.

Assim que as relações de objecto vividas modificaram de forma satisfatória o objecto interno (combinado) correspondente, estabelecendo-o num nível de integração consistente, ele pode tornar-se o modelo para aspirações e identificações (introjectivas) do self. Concedida a liberdade ao objecto externo para “ir e vir” (Meltzer, 1978a/1994), no palco interno o drama modifica-se à medida que diferentes actores desempenham as suas personagens, e estas desenvolvem-se, aprendendo com a experiência (Meltzer & Williams, 1988/1994), assimilando um sem limite de qualidades, e assim melhorando-se estruturalmente em força e riqueza, implicando a incompletude consecutiva da reintegração da clivagem-e-idealização nunca está completa (Meltzer, 1973/1990). Estamos perante um mundo vivido a quatro dimensões, no qual a diferença entre interno e externo se concretiza nos diversos espaços delimitados, isto é, tanto nos objectos como no mundo em que existem e naquele que contêm, e o pensamento pode crescer em complexidade já que a função α está finalmente internalizada.

A quadridimensionalidade implica a possibilidade de conceber início e fim (*tempo linear*), e portanto desenvolvimento. Para que esta vivência possa ser experienciada, é necessário que a onipotência que impõe intrusão e controlo aos bons objectos internos e externos tenha diminuído e que o combate ao narcisismo seja posto em marcha, deixando para trás inveja e ciúme, na transição para a posição depressiva, descrita por Klein (1948/1987, 1958), de forma a permitir o novo tipo de relação, a identificação introjectiva, descrita por Freud (1923/1969), que através da identificação com os objectos internos possibilita o desenvolvimento do self. Para que futuro e melhoramento possam ser conjecturados, “relinquishment is its precondition, time is its friend and hope is its hallmark” (Meltzer et.al., 1975, p. 227).

Esta vivência, que parece corresponder ao “modo depressivo” de gerar experiência postulado por Ogden (1989), implica a existência de uma formação simbólica funcional que permita a experiência da subjectividade. Desta forma, o self capaz de pensar e sentir vê-se como sujeito e confere aos seus objectos internos e externos as mesmas capacidades e, portanto, a mesma designação, passando estes a ser alvo de preocupação e já não simplesmente de valorização. As novas experiências são acumuladas com as antigas sem que o passado, imutável, seja negado, acrescentando-lhes profundidade e estabilidade. A continuidade resultante permite a emergência da capacidade para a ambivalência face a estados dominados por sentimentos de amor e ódio relativamente aos sujeitos que agora não

podem ser controlados, e com ela a ansiedade que decorre das possíveis consequências da interacção (Ogden, 1989).

O todo dinâmico: (re)construção.

Descritas a diferenciação das várias áreas geográficas e o estabelecimento das vivências dimensionais a par da “história do desenvolvimento”, resta proceder à “montagem” das partes que antes se dividiram na tentativa de iluminar a dinâmica que caracteriza o funcionamento mental.

Assumindo que a dimensionalidade espacial tem um desenvolvimento (Meltzer et.al., 1975), é possível inferir que uma vivência mais complexa não possa ser alcançada sem que antes se tenha estabelecido a precedente. Por outro lado, a premissa de que diferentes partes do self (infantis/adultas; boas/más) têm diferentes objectos internos em níveis de integração distintos (Meltzer, 1992) sugere uma organização do espaço mental por “camadas”, já que as várias dimensionalidades se acumulam, com as suas configurações características, e permanecem de algum modo activas ou em prontidão, enquanto modos de funcionamento distintos que, através das suas ferramentas, permitem dar respostas adequadas à diversidade da experiência.

Noutra perspectiva, o caminho percorrido desde um estado de não-integração ao desenho de um objecto que mostra ao self o futuro, capaz de o conceber por estar satisfatoriamente integrado (e delimitado), que antes se desenvolveu, parece descrever, numa aproximação às ideias de Bion (1962a/2003, 1962b/1991), um movimento Ps→D (num sentido lato). Contudo, este movimento constrói-se na sucessão de Ps←D (ou D→Ps), por meio da relação continente-conteúdo (♀♂), na qual a mãe externa (a sua mente posta no seio) vai delegando progressivamente o seu protagonismo à interna (internalização da Função α), até que esta adquira autonomia, o que ocorrerá apenas na vivência a quatro dimensões. É através da identificação com o seio introjectado que o self, desta feita contentor/continente, é capaz de manter uma “nova ideia” sem comprimir o seu significado ou ser abalado por ele, tolerando a dor que esta provoca, enquanto ela é integrada, com a ajuda de um facto seleccionado, e cresce em abstracção, alimentando a mente e promovendo a sua evolução (Bion, 1962a/2003, 1963/1989, 1965; Meltzer, 1978a/1994).

De acordo com Meltzer (1992), o objecto combinado integrado (quadridimensional) aprende com a experiência do self, e poder-se-ia acrescentar que o seu desenvolvimento não

tem limite. No entanto, a sua reorganização e renovação a cada “experiência emocional” da beleza do mundo (que corresponde a uma “nova ideia”) depende da “capacidade negativa” que o self tem de permanecer na incerteza face ao conflito entre os vínculos positivos (L, H e K) e negativos (-L, -H e -K) que esta impõe (Meltzer & Williams, 1988/1994). A “nova ideia” é, então, crucial para o desenvolvimento, marcado necessariamente pelo desequilíbrio provocado pela “catástrofe” que ela impõe, descrevendo a oscilação entre a posição esquizoparanoide e a posição depressiva (Ps \leftrightarrow D, postulada por Bion, 1962b/1991, 1965), que parece ser a que melhor caracteriza a dinâmica que organiza self e objectos no espaço de vida, a todos os níveis, permitindo não só compreender a sua progressão, como também explorar movimentos regressivos e mesmo a impossibilidade de progressão.

Se no caso dos quadros psicopatológicos associados à vivência bidimensional é a ausência de um espaço interno que impossibilita o desenvolvimento da personalidade, a clausura no interior do objecto interno, que tem como consequência a indiferenciação self-objecto (psicoses), ou a vida no sistema delirante (esquizofrenia), parecem surtir o mesmo efeito. A impossibilidade de progressão parece dever-se à detenção num conflito cuja solução encontrada implica uma adaptação (sob formas diferentes) em nome da sobrevivência, sacrificando o “aprender com a experiência” e consequentemente o desenvolvimento.

Relativamente aos movimentos regressivos, a sugestão de Meltzer (1992) de que partes da personalidade podem ser deixadas para trás a cada passo do desenvolvimento, por meio de processos de clivagem (ou de um mecanismo semelhante mais primitivo, no caso do útero), eventualmente associadas a experiências não digeridas que obrigaram à sua detenção, leva a crer que, face a uma “mudança catastrófica” intolerável, ocorra uma reactivação de uma dessas partes ou seja necessário recorrer a um modo de funcionamento anterior (recurso ao “dismantling”, à identificação adesiva ou à identificação intrusiva), de forma mais ou menos duradoura, resultando na modificação do comportamento, da visão do mundo e do sentido de identidade. Isto não justifica, no entanto, a atribuição da psicopatologia a uma fixação ou regressão a um estado mental primitivo normal. Ela refere-se sempre a um registo que algures no tempo se tornou enviesado e, portanto, ainda que primitivo, a um estado patológico (Caper, 1998). Por outro lado, porque os movimentos regressivos são simultaneamente defensivos, esta perspectiva vai ao encontro do que afirma Meltzer (1992), ao apontar que a concepção biónica dos vínculos emocionais que regem as relações humanas (mais e menos L, H e K) anula qualquer ideia de mal ou de destrutividade constitucional ou genética, sendo que as defesas são postas em marcha não só para combater a dor mental mas também para aplacar a emoção que não pode ser expressa (Meltzer, 1992).

A perspectiva de Ogden (1989) oferece alguma consolidação à dinâmica que aqui se pretende explicar. Segundo o autor, a experiência humana é constituída pela interacção dos três modos distintos que a geram - o autista-contíguo, o esquizoparanoide e o depressivo – que se relacionam de forma dialéctica, cada um deles criando, preservando e negando os outros (Ogden, 1989). Daqui se conclui não só o papel marcante e determinante dos vários tipos de funcionamento, como a sua actividade permanente, na medida em que para dar resposta ao impacto de uma qualquer experiência são utilizados os recursos adquiridos e adequados ao grau de exigência que esta impõe.

Finalmente cabe aqui frisar o papel do mundo externo e dos seus objectos em todo o processo. Incontestável a sua participação no desenvolvimento, a sua influência necessária e determinante, sem destaque aparente na obra kleiniana, está implícita na abordagem de Bion (1962a/2003), particularmente na noção de identificação projectiva, na qual o continente tem papel essencial, e foi amplamente descrita por Winnicott (1960), que utiliza, também ele, a noção de espaço, aplicada, na sua obra, à expressão interactiva de interno e externo por meio da diferenciação eu/outro (Winnicott, 1971/1975). Embora a descrição do funcionamento mental se tenha centrado até aqui na realidade interna, na história do desenvolvimento percorrida a acção do (e no) mundo externo é permanentemente convocada já que a realidade concreta é vivida mentalmente, constituindo-o como área geográfica construída a cada momento da vida: no início a mãe é o mundo, depois constitui-se como objecto que o habita, ao qual se juntam progressivamente outros, incluindo o próprio sujeito, que através das relações age sobre ele, edificando a “beleza do mundo”.

O mundo externo é, portanto, o universo subjectivo no qual se desenvolve, por meio da interacção (subjectiva), a subjectividade individual. Está em constante transformação sendo, por isso, transformante, já que dele se apreende a “experiência” e se obtém a pele (Bick, 1968) e a reciprocidade (Meltzer & Williams, 1988/1994), e nele se gera em primeiro lugar o significado (“rêverie”; Bion, 1962a/2003).

Uma Geografia da Mente. Para Quê?

Em conclusão, a perspectiva teórica que aqui se explora enfatiza, em primeiro lugar, o mundo interno enquanto espaço de vida real que, inscrito na realidade externa, participa dela elaborando o seu significado.

Sem atribuir maior peso a qualquer um dos mundos, levando a crer, pelo contrário, que ambos se equilibram na contribuição para o desenvolvimento humano, esta perspectiva oferece, senão uma inversão de sentido no pensamento, pelo menos uma equivalência, ao fazer reflectir a organização externa, compartimentalizada mas dinâmica, na organização do espaço interno, que pode, também ele, na sua totalidade - que é o sujeito - conter, transformar e devolver, numa capacidade análoga à de *rêverie*. A ideia implícita aqui é a de que, embora a diferenciação seja desejável e necessária para um funcionamento saudável, mundo interno e mundo externo não podem destacar-se, eles são interdependentes na medida em que é no primeiro que gera o sentido dado às experiências produzidas pela beleza extraordinária do segundo, que o acolhe. Neste sentido, contrariamente ao que se observa na teoria kleiniana e mesmo pós-kleiniana, onde a influência do mundo externo parece apenas estar implícita, o modelo apresentado sugere de forma clara que, afirmar a primazia de um será equivalente a favorecer “ovo” ou “galinha” na resposta (impossível) à questão famosa (“Quem nasceu primeiro?”).

Aparte disto, a divisão em áreas geográficas permite explorar o funcionamento mental contornando a complexidade que o torna de difícil acesso ao procurar compreender cada um dos elementos que o compõem, explicitando gênese, funções e consequências, sem que se perca a dinâmica que os organiza (através do conceito de vivência dimensional), e auxiliando, em contrapartida, a sua elucidação. Contudo, este modelo não proporciona uma leitura clara do funcionamento mental no que respeita ao dinamismo que o caracteriza, podendo tornar-se, sem esforço e aprofundamento, redutor. Na certeza de que uma generalização não seria possível, uma imagem mais concisa dos diversos movimentos observáveis, quer em cada vivência dimensional, quer na oscilação entre elas, seria útil, já que eles são descritos apenas de forma muito específica e pontual, na maior parte dos casos na caracterização de um registo patológico particular, apesar da sugestão de uma utilização corrente, deixando ao leitor o trabalho de os articular e proceder à “montagem”, ambiciosa mas necessariamente imaginativa, do aparelho psíquico e da mecânica que o faz funcionar. Veja-se, a título de exemplo, o caso da vivência quadridimensional (Meltzer et.al., 1975), que coloca a identificação introjectiva no mais elevado nível de maturidade sem desenvolver o seu lugar a par das outras vivências, ou do conceito de “dismantling” (Meltzer et.al., 1975), descrito como particularidade do autismo, mas exemplificado em material clínico de pacientes neuróticos. Este mecanismo, uma das contribuições inovadoras do autor (Cassese, 2002/2003), serve, aliás, de analogia à forma como o modelo estudado se apresenta: “em pedaços” que resultam facilmente na dispersão e obrigam a uma reintegração, que pode ter

como consequência alguns danos, ou, neste caso, enviesamentos, que eventualmente poderão, sem querer, ser contributivos.

Por outro lado, se a proposta de uma compartimentalização especial do objecto materno, no seu diálogo com o paterno, e portanto do objecto que se vai combinando até se considerar efectivamente “combinado” (correspondente à quarta dimensão), parece integrar a concepção do desenvolvimento psicosexual, a elucidação dos processos que o caracterizam não é suficientemente explicitada. Esta proposição é, assim, inovadora e promissora, mas incompleta, carecendo e merecendo exploração.

Por fim, aparte dos aspectos relativos à teoria, outra vantagem do modelo aqui estudado prende-se com a intimidade do seu discurso: falar de uma geografia da mente responde à necessidade inerentemente humana de organizar o todo complexo, fazendo da aplicação da metáfora (espaço) uma abordagem lógica e intuitiva do maravilhoso mas misterioso mundo psíquico.

O Espaço Vivido: Metodologia

Depois de apresentado um modelo que permite descrever a constituição do espaço mental, enquanto espaço de vida complexo, compartimentalizado e dinâmico, nesta segunda parte pretende-se explorar as potencialidades oferecidas pela técnica projectiva de Rorschach, de forma a com ela caracterizar a vivência das diferentes áreas geográficas e assim testar a possibilidade de elaborar um mapa do funcionamento psíquico individual.

O objectivo que aqui se propõe é o de investigar a adaptação do modelo do espaço de vida descrito à técnica Rorschach, testando a possibilidade da sua aplicação para a caracterização das diferentes áreas geográficas e das vivências dimensionais que as organizam, bem como dos movimentos que, através da sua articulação, definem o funcionamento mental do sujeito.

Delineamento de Pesquisa

O método de investigação do espaço de vida que se propõe compreende a criação de procedimentos de análise aplicáveis ao Rorschach (vide Anexo A) como forma de averiguar a sua potencialidade enquanto meio de acesso à geografia da mente e aos processos que nela ocorrem. Para tal, utiliza-se o material clínico de um caso seguido em acompanhamento psicológico no âmbito do estágio curricular, realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social, no ano lectivo de 2012/2013. O protocolo aqui trabalhado (vide Anexo B) é parte integrante da avaliação realizada no contexto do rastreio psicológico e fornece uma base de trabalho, permitindo ilustrar e discutir a aplicabilidade e as vantagens de uma abordagem do funcionamento psíquico segundo este modelo.

Participante.

A participante, D., de 24 anos (à data de aplicação da prova), é de nacionalidade cabo-verdiana, estudante e mãe de um menino (com 1 ano de idade na altura da avaliação).

A D. deixou Cabo Verde com cerca de 8 meses juntamente com a mãe e os três irmãos mais velhos, depois da ruptura da relação dos pais (o pai tinha mais duas mulheres e filhos

destas relações, e queria juntar todos na mesma casa). Em Portugal, a mãe foi diagnosticada com transtorno de personalidade bipolar, o que motivou a institucionalização de todos (mãe e filhos, em locais diferentes de acordo com a idade, tendo sido a D., por ser ainda dependente dos seus cuidados, a única a permanecer junto da mãe) durante cerca de quatro anos, até conseguirem reunir-se novamente. No que diz respeito à sua relação com a mãe, D. diz que é estreita, e boa quando ela está bem, reconhecendo ter uma “meia mãe”, pouco disponível mesmo quando se encontra estável, que não lhe oferece suporte nem orientação, características que considera pertencerem a esse papel. Quando a mãe “não está bem” (polo maníaco), a vigilância torna-se bastante apertada e grande parte dessa responsabilidade recai sobre a D.. A relação com os irmãos é considerada bastante frágil e conflituosa, e o círculo de amigos restrito e muito distante. Segundo relata, teve uma adolescência conturbada, pautada por consumo excessivo de estupefacientes, e três tentativas de suicídio (com a medicação da mãe), descrevendo-se como “rebelde” e “conflituosa”. Relativamente à vida amorosa, D. conheceu o pai do filho quando tinha cerca de 18 anos, tendo-se casado com ele dois anos mais tarde. Descreve uma relação violenta, física e mentalmente, mas também de dependência mútua, dadas as inúmeras tentativas de reconciliação sem sucesso, inclusive após o anúncio gravídico. Descreve o marido como agressivo, descontrolado e perseguidor, afirmando que ele não quer saber do filho, já que apenas concordava com uma participação activa na parentalidade se houvesse nova reconciliação, à qual a D. não cedeu, tendo o contacto entre os dois sido precário depois disso. Segundo a própria, foi, há alguns anos, diagnosticada com perturbação bipolar, esteve medicada até saber estar grávida, apesar de não cumprir a medicação. É acompanhada (no momento da avaliação) no serviço de psiquiatria da sua área de residência. À data de recolha destes dados, vive na casa da mãe com o seu filho e a irmã mais velha, que diz ter uma depressão. À pergunta “Como é que é viver na sua casa?” responde que é “horrível”. Descreve um ambiente pesado, sem diálogo e sem partilha, à custa da perturbação da mãe e do estado depressivo da irmã, afirmando, em contrapartida, que ter o filho foi a melhor coisa que lhe aconteceu. Arrepende-se da iniciativa de interromper a gravidez (“eu vi-o dentro de mim e não consegui”), aquando a primeira ecografia, e considera que ele é bonito e simpático e é “a alegria daquela casa”, tendo com ele uma relação muito próxima, de orgulho e cumplicidade, mas também de posse.

Durante a aplicação do Rorschach, a D. mantém uma atitude de estranheza e pouca implicação, demonstrando níveis baixos mas significativos de ansiedade, desconforto e apreensão.

Instrumento.

Segundo Traubenberg (1981/1983), “o Rorschach é um espaço de interações entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado” (p. 17).

O nível de funcionamento psíquico pode, assim, ser alcançado através da dupla referência ao percepto e ao fantasma que, não se distinguindo, num primeiro momento, no processo de resposta Rorschach, se comprometem conjuntamente na sua concretização. Aqui joga-se a capacidade de diferenciação entre o eu e o outro através do reconhecimento da unidade e dos seus limites, testando o corpo conhecido e o corpo vivenciado, bem como o posicionamento (activo/passivo; agressor/agredido) face ao mundo externo e, simultaneamente, ao interno (Traubenberg, 1981/1983).

O apelo à interacção, pelas características objectivas do estímulo, pela sua dimensão simbólica, pela própria instrução, que reenvia do perceptivo para o imaginário, pelas componentes das respostas, consideradas em si, no seu desenrolar e no respectivo contexto, e pelo processo da resposta, que remodela uma realidade externa em função das necessidades e das fantasias internas, de que esta prova é espaço singular (Traubenberg, 1981/1983), é também um apelo à comunicação, à interpretação e à simbolização (Marques, 1996).

De acordo com Marques (1996) a resposta Rorschach compreende não só a comunicação entre as várias partes do sujeito, como também o diálogo entre este e a globalidade da situação projectiva, numa lógica continente-conteúdo, onde projecção e identificação (e identificação projectiva, portanto) são indispensáveis. A percepção de um estímulo desconhecido, que apela à interpretação para a concretização de uma resposta, impõe uma “mudança catastrófica” (Bion, 1965), a qual exige/revela um grau de diferenciação sujeito/objecto e interior/exterior para que possa realizar-se o trabalho de ligação entre a realidade interna e a externa (e portanto entre a objectivação e a subjectivação) que conduz à transformação (simbolização) e permite atribuir significado. Este processo, constante e necessário a cada momento da vida, é visível no processo-resposta Rorschach, que assim “revela e expressa a forma como os objectos se podem separar, reunir e assimilar, para depois, de novo, se poderem separar e recriar”, e desta forma “os processos mentais que fundam e expressam as relações de objecto, as relações com o objecto: a relação de sujeito a/com objecto, mas também de sujeito a/com sujeito e de objecto a/com sujeito” (Marques, 1996, p. 40).

Procedimentos de análise.

Dentro dos vários “pontos de vista” utilizados na análise do Rorschach, a proposta que aqui se faz é a de caracterizar as diferentes áreas da geografia mental, descritas por Meltzer (1992), criando para o efeito procedimentos de análise (vide Anexo A) que façam corresponder os seus atributos à informação (qualitativa e quantitativa) passível de ser recolhida na passagem e estudo de um protocolo, descrita nomeadamente por Chabert (1997/2003, 1998/2000).

Utilizar a prova de Rorschach para mapear o funcionamento mental do indivíduo faz todo o sentido na medida em que ela se constitui como uma experiência que permite, pelas suas características, observar a forma como é vivenciada, pondo em evidência os processos e recursos mobilizados para a sua “digestão” (em linguagem bioniana). Os procedimentos de análise pretendidos assentam na possibilidade de obter informação sobre cada uma das áreas geográficas através da compreensão dos mecanismos implicados na elaboração da experiência, codificados nos vários elementos técnicos da prova. Assim sendo, eles resultam de um exame cuidado dos diversos componentes do instrumento – tais como situação, manifestações fora da resposta, apelo simbólico dos cartões, processo-resposta, processos defensivos e psicograma – em articulação com a história pessoal do sujeito, que permite a correspondência entre o seu valor interpretativo e os aspectos que caracterizam o mundo externo, o útero, o interior dos objectos externos, o interior dos objectos internos, o mundo interno e o sistema delirante. Através do esboço da geografia da mente por esta via, a análise é realizada com recurso às diferentes vivências dimensionais, evocadas quer pelo desenho global, quer pelas oscilações observadas ao longo da prova, permitindo, assim, descrever o funcionamento mental do sujeito.

Apresenta-se, de seguida, o estudo da técnica Rorschach direccionado para os aspectos específicos que definem as diferentes áreas geográficas (planteados no enquadramento teórico), cuja síntese resulta nos procedimentos de análise propostos (vide Anexo A).

A “Situação Rorschach”, na sua totalidade, remete em primeiro lugar para as exigências do mundo externo. A realidade concreta impõe-se no espaço físico, com o confronto com o avaliador e com a prova, e a instrução obriga ao esforço de adaptação necessário à interpretação e simbolização do estímulo apresentado. No entanto, os diversos componentes desta experiência ultrapassam a caracterização dos mecanismos adaptativos, transportando-nos também para a realidade psíquica, já que é aí que ela é em verdade vivida.

Além de informarem sobre a capacidade de adaptação à realidade concreta do mundo externo, comentários, críticas subjectivas e ao material, choques, e seus equivalentes, remetem também para aspectos específicos da geografia: os comentários dão conta da estranheza provocada pelo objecto externo (o cartão), tal como a observação cor, e contribuem para a qualificação do objecto interno; os choques podem indiciar um nível amental ou proto mental (tal como as alterações significativas do tempo de latência) característico do útero, ou ser provocados por um mau objecto evocado; as observações de simetria alertam para a possibilidade de relação entre as várias partes da personalidade no mundo interno, ou para o “duplo” (igual) na relação com o objecto materno.

Relativamente aos cartões, eles apresentam-se ao sujeito como objectos externos, contudo, pelas suas características (compactos, bilaterais, simétricos, coloridos), fazem apelos distintos que, no processo de interpretação, resultam na projecção e identificação, e portanto, na representação, de vários aspectos do mundo interno. Assim, nos cartões II, III, VII e VIII, que evocam a relação, podem obter-se informações relativas quer à vivência do útero, se a relação não for representada, quer à forma como as várias partes da personalidade dialogam entre si no mundo interno. Por sua vez, os cartões compactos (I, IV, V, VI e IX) dão conta do nível de integração dos objectos internos, enquanto a compartimentalização do objecto materno e a relação com o mesmo pode ser caracterizada nos cartões I, VII e IX e a participação do objecto paterno nos cartões IV e VI. Já as questões da identidade e da identificação são notoriamente evocadas pelos cartões I, IV e IX e II, III, IV e VI, respectivamente. Finalmente, as respostas ao cartão X remetem para a complexidade do mundo interno, informando da capacidade de organização face à sua dispersão.

Atribuindo à prova o valor de experiência, o processo-resposta Rorschach equivale à sua digestão, isto é, face à percepção do estímulo externo o sujeito mobiliza processos internos que permitam dar-lhe o significado (função α) posteriormente representado nas respostas que produz. As cotações que codificam esta produção informam não só sobre a forma como a imagem é apreendida e a sua localização, como é que o sujeito a vê e porquê, e o que é que é representado, como apontam para aspectos importantes do funcionamento mental, auxiliando a compreensão da vivência das várias áreas geográficas.

Os modos de apreensão traduzem, assim, a forma como o sujeito aborda a realidade e se situa nela, permitindo, em simultâneo, caracterizar a diferenciação entre mundo externo e mundo interno (G, D e Dd), ou a sua ausência (G bl e D bl), particularmente no útero, bem como aspectos do interior do objecto interno (materno e paterno) tais como o nível de integração (D e Dd vs. G) e a sua imaginação (G simples e elaborados) ou intrusão (G

contaminados e informulados), e ainda localizar objectos bizarros pertencentes ao sistema delirante (G confabulados e contaminados).

Os determinantes, por seu turno, têm um valor interpretativo abrangente, englobando aspectos como inserção na realidade e existência de envelope psíquico (respostas formais), mobilização dos afectos (respostas cor e esbatimento), e dinâmicas projectivas que apelam à representação de si e das relações (respostas cinestésicas e claro-escuro). Permitem obter informações distintas consoante a sua utilização: as respostas formais qualificam, de um modo geral, a capacidade de adaptação às exigências externas; a indiferenciação interno/externo, característica do útero, pode ser indicada por respostas C, C' e E, enquanto as respostas F_{\pm} , CF, C'F, EF e Clob F, indiciam a contenção primordial que este proporciona; respostas de predominância formal apontam para um interior do objecto externo imaginado; através dos determinantes podem igualmente ser discriminadas características do interior do objecto interno como nível de integração (kp vs. K e kan), compartimentalização (C e E, no caso do seio, sensibilidade ao vermelho e K de movimento, acção ou intensão, no caso do recto, e K de movimento ou postura, no caso da vagina), imaginação ou intrusão (K postura e movimento ou F_{\pm} , F-, respostas C, C', E e Clob com pouca ou nenhuma predominância formal, K de acção e intensão e kob), e qualidades e funções do objecto paterno (respostas cor e análise de K ou da sua ausência); as respostas cinestésicas remetem também para a relação entre as partes da personalidade no mundo interno; por fim, respostas de má qualidade formal sinalizam objectos bizarros ou ideias delirantes no sistema delirante.

Relativamente aos conteúdos, estes permitem, através das imagens produzidas, aceder ao imaginário do sujeito e, com ele, inferir qualidades e funções dos mundos externo e interno e dos seus objectos. Assim, eles dão conta do sucesso da simbolização do mundo externo (associados a F_{+} e Ban), ao dar significado ao objecto externo apresentado (cartão) e caracterizam as relações do mundo interno, permitindo observar a sua actualização ao longo da prova. Além disto, no que toca ao interior dos objectos internos os conteúdos auxiliam na identificação de um mau objecto (com conotação agressiva) ou da sua ausência (Nat., Elem.), na definição dos compartimentos do objecto materno – A, (A), H, (A), Nat., e Bot. associam-se ao seio/cabeça, conteúdos crus, Sg. e Anat., ao recto, e Sex., Sg., Anat., e Nat. à vagina – na determinação da intrusão (conteúdos agressivos e Anat.), e ainda na caracterização do objecto paterno, da identidade e da identificação.

Aparte das cotações e do seu valor interpretativo, as temáticas implícitas nas respostas são igualmente importantes na caracterização das relações entre as várias partes da personalidade no mundo interno, de forma global, e em particular do interior do objecto

interno e da forma como o self se relaciona com ele. O bom objecto associa-se normalmente à satisfação, conforto e benevolência, enquanto o mau objecto traz consigo agressividade e perseguição ou, manifestada a sua ausência, frio e vazio. Os compartimentos do objecto materno aludem a regressão, prazer oral, indolência, conforto e sabedoria, no caso do seio/cabeça, prazer anal, agressividade e perseguição, quando é evocado o compartimento rectal, e sexualidade e procriação, no que respeita ao vaginal. A intrusão, por seu turno, pode ser identificada em temas persecutórios ou que se referem ao interior do corpo, e a identificação está geralmente associada à atribuição de género e tipo de interacção dos personagens representados.

Dos vários procedimentos passíveis de ser utilizados ao serviço das defesas mobilizadas pelo sujeito na construção das repostas, destacam-se alguns que parecem bastante úteis à concretização destes propósitos. A anulação, negação e fusão nos cartões de relação indicam a indiferenciação interno/externo característica da vivência do útero. A precaução verbal estabelece a distância em relação ao interior do objecto externo desconhecido e dá conta de um interior do objecto interno imaginado, sendo que a sua ausência indica a intrusão no mesmo. A idealização caracteriza o bom objecto, a intelectualização remete para a vivência do compartimento do seio/cabeça. Procedimentos que denotam o impacto de cartões anteriores como perseveração, “fuga para a frente”, formação reactiva e reparação põem em evidência os processos decorrentes de um mundo interno em transformação face à constante actualização da realidade externa. Já a equação simbólica é característica da parte do self que habita o sistema delirante e a inibição prova a dificuldade de elaboração e a acção do recalçamento.

Finalmente, a análise do psicograma oferece uma perspectiva global do funcionamento do sujeito na vivência do mundo externo e do mundo interno, e no diálogo entre os dois.

Os procedimentos de análise que resultam deste estudo (vide Anexo A) organizam e sintetizam a articulação entre a concepção teórica das diferentes áreas da geografia da mente e as informações passíveis de recolha no protocolo com o objectivo de facilitar a sua aplicação e análise posterior.

Partindo da informação dada pela participante e dos dados recolhidos no protocolo (respostas, cotação e psicograma, a consultar no Anexo B), a aplicação dos procedimentos consiste no estabelecimento da sua correspondência com os vários itens que remetem para os

aspectos teóricos que caracterizam a vivência de cada uma das áreas geográficas (ver Anexo C), estruturando a sua análise.

Análise dos Resultados

Do encontro entre os procedimentos de análise propostos e as informações recolhidas quer da história pessoal da participante, quer do protocolo, resulta uma caracterização da vivência das áreas geográficas e a observação do modo como o espaço de vida se organiza (vide Anexo B), permitindo construir uma perspectiva global do seu funcionamento mental. Apresenta-se, de seguida, a análise que visa demonstrar estes aspectos.

A vivência do mundo externo, representada na Situação Rorschach, aparece de forma geral conturbada. A percentagem elevada de respostas formais ($F\%=80\%$) indica uma necessidade de apoio na realidade externa, ainda que com sucesso reduzido ($F+\%=75\%$; $F+\%a=71\%$). Por outro lado, as críticas subjectivas (cartão II) e comentários ao material (cartões V e IX), o desconforto demonstrado ao longo da prova, e a recusa (cartão X) dão conta de uma adaptação à realidade concreta que o mundo externo impõe significativamente difícil. Estes aspectos revelam também uma dificuldade na atribuição de significado, indiciando a precariedade da realidade psíquica que lhe é atribuída. A capacidade de simbolização parece estar limitada, transparecendo uma atitude de estranheza e a percepção de perigo na realidade externa, como atesta a prevalência de conteúdos animais sobre os restantes conteúdos (9/15, apontando as respostas adicionais no mesmo sentido), a maioria com conotação agressiva, repelente ou duvidosa (“barata”, “morcego”, “camaleão”), e os outros imprecisos (“bicho”) ou de má qualidade formal (“gafanhoto”), bem como a baixa presença de banalidades. Finalmente, embora a maioria das respostas apreendidas em G e D sejam de boa qualidade formal (9/14), indicando a existência de um espaço delimitado e, assim, de diferenciação interno/externo, as imagens com limites imprecisos (3) e de má qualidade (2), que têm ainda expressão significativa nas respostas adicionais, sinalizam alguma fragilidade nesta configuração, pondo em causa a existência de um mundo externo bem constituído enquanto tal.

A caracterização da vivência do útero parece apontar no mesmo sentido, já que os dados dão conta de uma indiferenciação self/objecto bastante significativa, comprometendo necessariamente uma distinção externo/interno de boa qualidade. A relação é anulada nos

cartões II e III, onde não há referência sequer a personagens (a sugestão no inquérito ao cartão III resulta depois numa negação: R.A.2 “Está a apanhar alguma coisa, parece um balde”), e também nos cartões VII (13-“isto parece duas pessoas gémeas, parece que está aqui um espelho no meio.”, sendo que na resposta seguinte a relação é fusional e petrificada: 14-“parecem duas estátuas”) e VIII (são representados dois animais sem qualquer menção à existência de relação entre eles). Verifica-se alguma dificuldade no destaque da figura do fundo com a presença de D bl no cartão III (tanto na resposta 5, como no inquérito, na R.A.1). No entanto, não se encontram respostas não delimitadas, à excepção de uma resposta C, no inquérito ao cartão III. Aparte disto, a constatação da existência de uma contenção primordial, indicada pelas respostas com limites imprecisos (cartão II - F±; cartão III - CF; cartão IV), duas delas coincidentes com cartões de relação, e a evidência de uma participação significativa de processos proto mentais revelam a importância da vivência uterina na caracterização do funcionamento mental da participante. A recusa no cartão IX e o tempo de latência médio muito elevado (13’’, destacando-se os tempos de latência nos cartões IV e VIII que são de 27’’ e 2’’, respectivamente), juntamente com a inibição presente em praticamente todos os cartões, e a escassez significativa de ressonância do conteúdo latente (as produções são em geral muito limitadas e não respondem aos apelos do material, sobretudo na representação das relações e na identificação), apontam para uma dificuldade significativa na resposta aos apelos do material.

Relativamente ao interior dos objectos externos, a forte presença de precauções verbais no protocolo, os comentários ao material (cartões V e IX) e observações de cor (cartões VIII e X) e simetria (VII) sugerem uma distância relativa, num primeiro momento, entre a participante e o objecto externo desconhecido. No entanto, apesar de o número muito elevado de respostas de predominância formal (14/15) apontar para um interior do objecto externo imaginado, a presença de respostas imprecisas e de má qualidade (6/14) revela a existência, em alguns momentos, de confusão com o objecto. Os conteúdos apresentados (A, (A), H, (H), Sg., Obj., e Bot.) reflectem a resposta ao conteúdo latente dos cartões e assim a capacidade de conferir significado aos objectos externos com base nos seus equivalentes internos, remetendo as considerações acerca da sua variabilidade e natureza para a caracterização de outras áreas geográficas.

Dada a sua complexidade, o interior dos objectos internos pode ser caracterizado segundo vários pontos de vista, tendo em conta que os cartões compactos (I, IV, V, VI e IX) são os que mais directamente informam sobre as suas especificidades.

No que respeita aos níveis de integração dos objectos internos, as informações analisadas sugerem diferentes níveis de integração, pondo em evidência a existência de objectos parciais bem constituídos, de objectos ainda em integração e de objectos totais que, tendo em conta as hipóteses avançadas até aqui, podem remeter não concretamente para um objecto interno implantado no self, mas eventualmente para o próprio self, na sua totalidade, enquanto espaço potencial constituído. Em todos os cartões referidos, à excepção do IX (recusa) são dadas respostas em G, ainda que metade estejam associadas a formas imprecisas ou de má qualidade (3/6). São dadas ainda duas respostas em D (cartões I e VI) e não há respostas cinestésicas. Importa referir que estes níveis de integração e a sua variabilidade ao longo de cada cartão se referem não só a um objecto específico como também ao processo que ele sofre face à apresentação do estímulo que o evoca. Assim sendo, é possível observar movimentos distintos (tratados adiante nesta secção), consoante sucessão dos modos de apreensão, que é incoerente, considerando todo o protocolo, a utilização dos determinantes e o conteúdo latente de cada cartão. Por outro lado, a prevalência de conteúdos A, (Ad) e (H) sobre os conteúdos H nas respostas a estes cartões (7/8), e mesmo em todo o protocolo (10/15), sugere a predominância de imaturidade.

Relativamente às qualidades e funções que caracterizam os objectos internos, enfatizando aqui em particular o materno, a clivagem vertical está presente de forma clara nas respostas ao cartão V, contendo a resposta 8 (“pessoa com asas”) uma idealização positiva, que passa a ser extremamente negativa na resposta 9 (“parece o diabo”), e a alusão ao mau objecto aparece também no cartão I, sob a forma de “barata” (repulsiva) e no cartão IV concretizando-se num “bicho” impreciso, “muito feio (...) mais feio que os outros” (prova das escolhas). Contudo, a ausência quase total de referências específicas aos compartimentos do objecto materno (apenas a presença de conteúdos A e H nos cartões I e VII, respectivamente, que remetem para o seio/cabeça), sugere um funcionamento mais primitivo no qual a representação do objecto interno é muito precária, também porque pouco diferenciada. Isto observa-se sobretudo nos cartões cujo conteúdo latente apela à representação do objecto materno ou da relação com o mesmo (I, VII e IX). A análise das respostas ao cartão I, que reenvia para uma imago materna pré-genital, transparece repulsa e estranheza. No cartão VII, por seu turno, dão conta de uma indiferenciação self/objecto (12- “isto parece duas pessoas gémeas.”) e assim do carácter fusional e dependente da relação com a mãe que, podendo ser representada (13- “parecem duas estátuas”), aparece petrificada, rígida. Por fim, a recusa no cartão IX sugere a impossibilidade de regressão e de elaboração da relação. Estes dados corroboram a indiferenciação indiciada anteriormente (quer na caracterização da vivência do

útero, quer nas respostas que aqui se tratam). A recusa pode associar-se também, quando considerado o excesso de estímulo que este cartão impõe, à impossibilidade de preencher um vazio “atribulado” que está patente na história pessoal, na experiência de uma contenção insuficiente (possivelmente nula) por parte das pessoas mais próximas, nomeadamente da mãe, em contraponto à tentativa constante de conter alguma coisa, como revelam as inúmeras tentativas de reconciliação com o marido, a dependência e o “cuidar” obsessivo das relações, o historial de consumo de estupefacientes e a desistência da interrupção da gravidez aquando da visualização da ecografia, bem como a relação de posse que mantém com o filho.

Quanto à forma de constituição do objecto, que pode derivar da imaginação ou resultar da intrusão, considerados apenas os cartões relativos ao objecto materno e à relação com o mesmo, os dados que se apresentam referem-se unicamente à imaginação (precauções verbais e G simples de boa qualidade formal nos cartões I e VII) ou à impossibilidade de simbolização (cartão IX). Nos restantes cartões compactos, embora haja uma predominância de referências à imaginação, é possível encontrar alguns dos itens descritos para a intrusão (ausência de precaução verbal e elementos persecutórios no cartão IV e G/D e imagem persecutória no V), no entanto, dadas as evidências de um funcionamento mais precoce ao nível da clivagem vertical, estas informações parecem mais adequadas à qualificação do objecto interno.

A análise da participação do objecto paterno no objecto combinado, por seu turno, parece apontar não para um objecto paterno identificado como tal mas para um estado de indiferenciação no qual o objecto ausente é representado como mau objecto, podendo eventualmente a sua ausência ser atribuída na fantasia à existência do pai, ainda que este não possa ser elaborado. A resposta dada ao cartão IV evidencia um objecto interno ainda não completamente constituído (impreciso), sem função definida (ausência de cinestésias), “muito feio (...) mais feio que os outros” (prova das escolhas), persecutório (“olhos”) e poderoso (“asas”), e também assustador (→Clob; tempo de latência muito elevado). De salientar ainda a dúvida entre o “é” e o “parece” (que se concretiza no inquérito novamente com “é”), que sugere a dificuldade de travar a projecção, pondo em causa os limites entre a realidade e a fantasia (o que se constata também com F_{\pm}), quase numa precipitação para o sistema delirante. Já no cartão VI, a resposta 10 (“isto parece uma pele de animal estendida”) parece indicar passividade ou impotência perante um objecto controlador, mítico e poderoso (11- “parece uma parte de dragão, a cabeça”), consistente com o apresentado no cartão IV, aqui mais elaborado, ainda que incompleto.

No que se refere às questões da identidade e da identificação, também aqui se evidenciam fragilidades importantes. Sobre a identidade, evocada sobretudo pelos cartões I, V e IX, as respostas dadas ao cartão I (1- “parece um bicho. Parece uma barata.” e 2- “um morcego.”) apontam para um esforço de estruturação e diferenciação, deixando a sensação de uma identidade apesar de tudo algo repulsiva, dadas as características das imagens. Por seu turno, as produzidas no cartão V mostram num primeiro momento o esforço de coesão identitária (7- “a mim parece-me um morcego...”), no entanto logo a seguir evidenciam uma desorganização na idealização confusa de “uma pessoa com duas asas” (resposta 8), imagem de poder e autonomia que remete para fragilidade e aprisionamento, transformada rapidamente no “diabo” (resposta 9. Clivagem), projectando uma identidade tida como maléfica (escolha negativa), que é em simultâneo mal-amada e repelida. A recusa no cartão IX pode aqui remeter para a impossibilidade de elaboração face a um apelo mais complexo e exigente. Quanto à identificação, aparte da ausência de representação da relação, que permitiria a identificação com um dos personagens, não há qualquer referência ao género nas respostas dadas aos cartões que a facilitam (II, III, IV e VI), o que dá conta de uma indiferenciação também a este nível e da impossibilidade de elaborar a temática do desenvolvimento psicosexual. As respostas ao cartão III merecem aqui especial atenção: enquanto a primeira (4- “parece que tem sangue.”) sugere ferimento ao nível da representação de si, na segunda (5- “(...) parece um gafanhoto.”) assiste-se ao combate à angústia de fragmentação com tentativa de unificação através da inclusão do branco, que não deixa de ser vazio; o “gafanhoto” pode minimizar o impacto do conteúdo latente (pequeno e frágil), ainda que não anule a importância dos aspectos persecutórios (“garras” e “olhos”), ou constituir uma representação de si, evidenciando fragilidade, vazio interior e ferimento (R.A.4.- “sangue”); por outro lado, a decisão pelo “caranguejo” (R.A.1) enfatiza a necessidade de protecção (carapaça) mas em simultâneo indicia rigidez e agressividade (“garras”); por fim, a relação e a identificação são evitadas a todo o custo através da indiferenciação (apenas uma pessoa, sem sexo), da banalização e de uma completa ausência de afectos relativamente ao apelo do conteúdo manifesto (R.A.2 [sugere pessoas?] “sim, mas é igual. Está a apanhar alguma coisa...”; R.A.3 “parece um balde”). Já as respostas aos cartões IV e VI, analisadas em pormenor anteriormente, apontam, no que se refere à identificação, para estranheza, imprecisão e um poder sobrenatural, ainda que parcial, que provoca impotência. Tudo isto corrobora a predominância de um funcionamento primitivo, no qual a identificação é comprometida pela ausência de diferenciação self/objecto.

A caracterização do mundo interno compreende, além da exploração dos objectos que contém, a dinâmica relacional existente entre as várias partes da personalidade (infantis/adultas). De entre os aspectos que iluminam estas relações, alguns merecem destaque especial. Em primeiro lugar, conforme o observado anteriormente, verifica-se uma dificuldade muito significativa na representação das relações, sendo que a representação mais elaborada (no cartão VII, onde é feita também a observação de simetria existente) aponta para a indistinção e para a fusão. Por outro lado, a resposta ao cartão X (15- “parece que tem duas flores”, especificadas como “jarros” no inquérito) leva a crer que face à dispersão a angústia é colocada em dois fragmentos (que fazem também referência ao duplo), e a sua potência destruidora torna-se frágil e delicada, revelando dificuldade na integração e necessidade de contenção (“jarro” no inquérito). Já o T.R.I (0K:1,5C) do tipo Extratensivo Puro, embora com valores muito baixos, a F.C. (0k:0E) e a R.C.% (13%↓↓) apontam uma tendência para o domínio de cargas afectivas, utilizadas inadequadamente com frequência, para a impulsividade e para alguma instabilidade, assim como para dificuldade na expressão dos afectos. A apreensão predominante em G (60%, 8/9 simples e 1 sincrético), com percentagem baixa de D (38%) e sem presença de respostas Dd, juntamente com produtividade baixa (R=15 e número médio de respostas por cartão de 1,5) remetem, por seu turno, para um investimento precário na realidade interna bem como para um funcionamento pouco complexo. No mesmo sentido, a ausência de cinestésias evidencia falta de implicação, imaturidade, e impossibilidade de estabelecer relação entre as partes da personalidade, eventualmente devido à sua fraca delimitação. Por fim, as temáticas e conteúdos, na sua maioria associados a estranheza, medo, maldade, perseguição, repulsa e rigidez, parecem referir-se sempre a um mau objecto com impacto poderoso, o que levanta a possibilidade de isto traduzir a violência provocada pela sua ausência ou incapacidade de resposta (o que vai ao encontro da história pessoal).

Além disto, os dados reflectem um mundo interno em transformação, mas uma actualização lenta e difícil, que promove uma generalização na tentativa de organização, em grande parte sem sucesso. Isto observa-se num primeiro momento na análise intra-cartão, na qual a sucessão incoerente sugere uma apreensão arbitrária das manchas que, também devido ao reduzido número de respostas dadas em cada cartão (uma resposta em metade dos cartões, e apenas duas em quatro deles), regra geral não dá conta de uma transformação mas antes de um esforço de organização e controlo (sugerido pela prevalência de respostas G), como atesta a escassa variabilidade de conteúdos. Podem identificar-se, contudo, alguns movimentos de actualização sobretudo no cartão V, onde parece haver um aprofundamento (equivalente a

maior liberdade de projecção) do conteúdo latente evocado, no cartão VI, onde são dadas duas imagens completamente distintas, e no cartão VII, onde se observa primeiro uma indistinção e depois uma distinção rígida. Num segundo momento, a análise inter-cartões sustenta a hipótese enunciada. Além da perseveração, concretizada na frequência da resposta “bicho”, é possível constatar “fuga para a frente” entre os cartões IV e V e os cartões VII e VIII, através da diferença significativa entre os tempos de latência dos dois pares (resposta ao segundo cartão substancialmente mais rápida) e da adição de observação cor no segundo caso, e também formação reactiva (obs. Cor) e reparação (15- “parece que tem duas flores”) no cartão X. Finalmente não se verifica variabilidade significativa (além do que se referiu nos itens anteriores) nas respostas dadas a cartões cuja temática evocada é semelhante.

Por último, a presença de um G contaminado (cartão V), de três respostas de má qualidade formal e a dúvida expressa do cartão IV (6- “é [...] mas não sei [...] parece”, e no inquerito “é”) dão conta de um esforço de controlo e organização que, apesar de um modo geral conseguido, parece por vezes estar perto de falhar por completo, colocando a D. à beira do precipício que é o “lugar nenhum” do sistema delirante.

A análise das informações recolhidas segundo os procedimentos de análise propostos põe em evidência, em suma, aspectos que permitem caracterizar a diferenciação e a vivência das diversas áreas geográficas. Constata-se, em primeiro lugar, uma diferenciação entre mundo interno e mundo externo estabelecida mas com muitas fragilidades: os limites perdem-se com muita frequência. Os objectos externos, por seu turno, são com esforço reconhecidos enquanto tal, verificando-se uma confusão significativa com os objectos internos que evocam, como se verifica com a falha no controlo da projecção e com a recusa, tendo a vivência do útero, caracteristicamente básica e indiferenciada, um peso muito significativo na forma como a experiência é digerida. Quanto aos objectos internos, estes apresentam-se maioritariamente de forma pouco integrada, seja porque se mostram claramente parciais ou porque os limites se perdem com facilidade, sendo que a predominância de referências à clivagem vertical, a escassez de aspectos relacionados com os vários compartimentos do objecto materno, que parece imaginado eventualmente por não permitir a sua penetração (já que a fusão e a rigidez explicitas no cartão VII, por exemplo, implicam a ausência de espaço), a impossibilidade de definir o papel do objecto paterno e as questões da identidade e da identificação apontam para um registo precoce no qual, apesar de constituído um espaço interno, self e objecto se encontram pouco diferenciados. Finalmente, a ausência de relação enfatiza um mundo interno imaturo, que se transforma e actualiza com dificuldade, confirmando os aspectos atribuídos ao

sistema delirante a existência de uma função α precária, que falha por vezes, sustentando a hipótese de um registo predominantemente primário.

Os dados descritos apontam, assim, para um desenho da geografia mental da D. caracterizado por: um mundo externo relativamente destacado do interno, que pode ser concebido como espaço; uma vivência do útero preponderante; diferenciação self/objecto estabelecida com dificuldades, o que significa a predominância de um objecto interno equivalente ao self, que não se distingue do objecto externo, sendo que a sua representação mais evoluída é na forma de objectos parciais fruto da clivagem vertical; e existência de um sistema delirante, que ganha forma com os produtos do fracasso da função simbólica.

Esta configuração geográfica pode, e deve, ser interpretada com o auxílio das vivências dimensionais que regem, segundo Meltzer (Meltzer et.al., 1975, ver também Cassese, 2002/2003; Ogden, 1989), a organização do self e dos objectos no espaço de vida. No que respeita ao seu estabelecimento, se a unidimensionalidade é inquestionável (por ser indispensável à vida), a bidimensionalidade parece ser a melhor instituída, dadas as inúmeras referências à fraca diferenciação self/objecto, sinónimo indubitável de dependência, tendo sido a tridimensionalidade alcançada, ainda que muito pouco desenvolvida. A possibilidade de identificar os recursos utilizados face ao confronto com a situação Rorschach em geral e com o conteúdo latente de cada cartão em particular, constitui a principal vantagem da utilização desta técnica, já que ela proporciona uma experiência complexa e permite a observação da forma como é vivida pelo sujeito.

Neste sentido, ao esforço permanente de apego à realidade objectiva e controlo sobre a experiência, patente em todas as dimensões da prova, como se referiu acima, junta-se a incapacidade de se destacar do outro, expressa de várias formas, na confirmação de uma vivência de carácter predominantemente bidimensional. Contudo, o recurso à unidimensionalidade é bastante significativo quando se verifica uma indiferenciação clara e a presença de processos proto mentais, e a tridimensionalidade incipiente manifesta-se com alguma frequência no recurso à clivagem e idealização e na capacidade de simbolização, que supõem o estabelecimento prévio de um espaço interno e evidenciam a internalização da função α , mesmo que de forma frágil.

Por outro lado, uma análise mais fina permite identificar a articulação entre as várias dimensionalidades, não só de forma global, mas também através de movimentos específicos encontrados nas respostas a cada cartão em particular, mas também na relação entre dois cartões consecutivos. Desta observação, a que se fez alusão na caracterização do mundo interno (porque é aí que ela se situa), podem destacar-se alguns exemplos. Nas respostas ao

cartão V pode dar-se conta da representação de um objecto tridimensional com algum nível de integração (7- “a mim parece-me um morcego...”, cotado com G F+ A Ban) que é de seguida clivado (respostas 8- “parece uma pessoa com asas” e 9- “parece o diabo”), revelando uma regressão na tridimensionalidade com o uso massivo da clivagem e identificação projectiva. No cartão VI, por seu turno, assiste-se a uma vivência em primeiro lugar bidimensional com a resposta 7- “pele de animal estendida”, que remete para a ausência de conteúdo, sendo que a resposta seguinte (11- “uma parte de dragão, a cabeça) já reflecte um objecto que pode ser representado, ainda que de forma parcial, e assim uma tridimensionalidade muito precoce (mítica). Da mesma forma, é possível observar uma progressão no cartão VII, cujas respostas (12- “duas pessoas gémeas” e 13- “duas estátuas”) dão conta de uma vivência unidimensional de indiferenciação que se transforma na vivência da superfície bidimensional na referência ao duplo petrificado e inseparável (identificação adesiva). Relativamente aos movimentos que se observam entre cartões, verifica-se, por exemplo, o contraste entre a resposta rápida e tridimensional dada ao cartão V (referida acima) e a bidimensionalidade vivida no cartão IV, cuja resposta imprecisa (6- “isto tem duas asa, dois olhos... isto é um bicho mas não sei o quê...”) é também descritiva, sugerindo a apreensão sensitiva característica da identificação adesiva. Por último a análise dos cartões IX e X em conjunto parece evidenciar, na resposta 15- “parece que tem duas flores”, um mecanismo semelhante ao “dismantling” no sentido em depois do vazio unidimensional constatado no primeiro (recusa) o apego ao detalhe pode traduzir o encontro da atenção desmantelada com um objecto reconfortante que permite obviar a violência da experiência.

Esta modalidade de funcionamento parece, por fim, encontrar sentido na história pessoal da D., que relata uma relação de dependência e confusão com uma “meia mãe”, cuja presença é avassaladora principalmente porque é manifestamente vazia em grande parte do tempo (quando se encontra no pólo depressivo, ou sedada depois de uma descompensação maníaca), resultando num esforço constante de colagem em nome da sobrevivência que tem como consequência um espaço psíquico de fronteiras frágeis, que se rompem com facilidade, e o aprisionamento incontornável no claustro, consistente com um funcionamento limite (Meltzer, 1991/1992).

Discussão

Ilustrada a exploração do espaço psíquico com recurso à técnica Rorschach a partir da aplicação dos procedimentos de análise encontrados ao material clínico descrito, resta discutir os benefícios desta proposta.

A análise do material clínico que se apresentou permitiu conhecer a expressão das diferentes áreas da geografia da mente, caracterizando cada uma delas e compreendendo a sua organização a partir da sua representação na prova e em diálogo com a história pessoal. Através deste “mapa” conseguido, foi possível descrever o recurso às dimensionalidades que dinamizam o espaço de vida, permitindo não só observar a utilização predominante de uma como a sua articulação com as outras, quer de forma global, quer em movimentos particulares. O exame das vivências dimensionais evidenciadas na prova definiu uma espécie de padrão de utilização que, além de permitir concluir uma detenção no desenvolvimento da participante, já que a quadridimensionalidade não se revela e a tridimensionalidade aparece manifestamente incipiente, descreve o seu funcionamento mental, visto que a experiência complexa vivida no Rorschach ilustra a forma como os acontecimentos de vida são digeridos.

Indiscutíveis as potencialidades do instrumento enquanto veículo de observação e compreensão dos processos psíquicos, e afirmada aqui a sua plasticidade e assim a potencialidade que lhe é reconhecida, os resultados demonstram a sua aplicabilidade na caracterização do espaço de vida. Esta abordagem permite, como se provou, a descrição particular de cada uma das áreas geográficas do espaço de vida bem como da dinâmica que as organiza, através da inferência das diferentes dimensionalidades utilizadas e da sua articulação face à experiência vivenciada, e assim a caracterização do funcionamento mental.

Neste sentido, a operacionalização e aplicação prática do modelo teórico reforça o seu potencial ao abrir portas a uma análise mais pormenorizada, que pode certamente ser melhorada, útil na investigação profunda das várias áreas e vivências dimensionais, e possibilita o seu entendimento integrado, em diálogo com a história de vida e com a projecção do presente, numa abordagem que, independentemente do nível de complexidade conseguido, não prejudica nenhum dos aspectos essenciais à compreensão do psiquismo humano.

Por outro lado, tendo em conta que criar uma metodologia mais adequada à análise do Rorschach ou à formulação diagnóstica não foi, de modo nenhum, o objectivo desta pesquisa, os resultados sugerem que um exame deste tipo pode ser útil na investigação psicanalítica, seja na contribuição para um conhecimento teórico mais aprofundado, pela sua abordagem meticulosa, seja no entendimento direccionado a aspectos específicos dos pacientes em

contexto clínico, de onde, aliás, surgem as questões e descobertas que alimentam o primeiro, que, melhorado, se reflecte do mesmo modo numa prática tendencialmente mais eficaz e eficiente. De todas as formas neste círculo, ela parece constituir uma alternativa vantajosa na perseguição de uma compreensão profunda e direccionada do “ser” humano a cada “(re)montagem” do espaço que ele vive.

Conclusão

Esta investigação teve como objectivo principal explorar o funcionamento mental através da noção de geografia da mente.

Caracterizar o espaço de vida é explorar a forma como o espaço, interno e externo, é vivenciado e, portanto, indagar sobre a vida vivida. À semelhança da geografia que organiza o exterior que habitamos, a noção de geografia mental permite delimitar e melhor compreender o interior que somos, incluindo inevitavelmente o exterior que vivemos, numa perspectiva promissora que, reunindo todas as facetas da complexidade humana, pode ser uma síntese que de fim passa a ponto de partida para a pesquisa interminável do funcionamento mental.

Neste sentido, a exploração teórica aqui realizada, constitui-se como uma abordagem deste espaço, em todos os sentidos potencial, incontornavelmente incompleta. Ela oferece uma construção possível do funcionamento mental e permite a sua compreensão de uma forma global, deixando por explicar os múltiplos esboços que dele se podem fazer, possivelmente incontáveis, dadas as descobertas valiosas descritas ao longo do tempo, e, ao pormenor, correspondentes ao número sem fim de seres humanos nas várias conjugações temporais do verbo (ser). Aparte disto, ela corresponde também ao desejo pessoal de um explorador que tenta descobrir os outros, descodificando o que sobre eles se sabe e descobrindo-se a si mesmo. Este é um objectivo honesto, e a analogia não só descreve o percurso deste trabalho como introduz a vontade de o tornar útil, ou pelo menos de perscrutar as suas potencialidades, que constituiu o ponto de partida para a aplicação dos dados recolhidos, numa segunda parte mais prática.

A utilização da técnica Rorschach como instrumento para a caracterização do espaço de vida e observação da sua delimitação e vivência dimensional parece abrir caminho à investigação aprofundada das várias áreas da geografia da mente tendo em vista o maior conhecimento do todo complexo e dinâmico que constitui o funcionamento psíquico. A sugestão de que uma pesquisa deste tipo contribui para a melhor compreensão da mente humana tem, assim, implicações positivas a nível teórico e prático. Se do material clínico se poderem retirar informações preciosas e específicas sobre o funcionamento mental de um paciente em particular, influenciando a intervenção, estas, juntamente com as de outros, contribuirão certamente para o aperfeiçoamento ou reconstrução da teoria, dotando posteriormente os profissionais de ferramentas potencialmente melhoradas, o que, espera-se, se traduzirá na maior eficácia da sua tarefa.

Em oposição aos pontos fortes da abordagem teórica e empírica aqui realizada, destacam-se necessariamente as suas limitações, que validam as sugestões para explorações futuras. No que respeita ao modelo estudado, salienta-se a descrição pouco sistematizada e integrada da teoria na literatura consultada, já que ela é apenas enunciada e os elementos que a compõem se encontram dispersos, o que levou à sua apresentação na forma de uma construção pessoal e que, por isso, exige uma investigação mais alargada e meticulosa tendo em vista o preenchimento das lacunas encontradas, nomeadamente ao nível da explicitação do dinamismo complexo que anima o espaço mental, quer no período que compreende a maturação psíquica, quer o seu funcionamento ao longo da vida. Quanto ao método aplicado, apesar de se mostrar muito útil na caracterização dos vários aspectos da geografia da mente, incluindo a sua vivência, crê-se que ele não deve ser exclusivo, pelo que outros modos de acesso a estes fenómenos merecem ser investigados. Por outro lado, importa referir a limitação resultante da inexperiência do “explorador”. Dado que a grande maioria dos processos que permitiram caracterizar o espaço de vida, e sobretudo a sua génese e desenvolvimento, partem da observação e prática clínica com grupos específicos como bebés e crianças pequenas e pacientes autistas e psicóticos, o facto de a vivência dessa experiência estar fora do alcance do investigador (por enquanto) condiciona necessariamente um entendimento mais profundo dos conceitos utilizados. Isto reflecte-se não só no esforço de construir uma imagem bem conseguida do funcionamento mental, mas obviamente também na análise segundo o método proposto, que, por este motivo, poderá e merece ser mais aprofundada.

Finalmente, quanto à “beleza do mundo”, fica a sugestão de que além do seu determinismo na vida de cada indivíduo e na organização do espaço que ele ocupa, ela própria é constituída por ele, não só porque é nele que adquire significado, mas também porque ele a integra na perspectiva dos seus (semelhantes). Elevou-se aqui a emoção enquanto cerne da experiência que é sempre, e a todos os níveis, a experiência da beleza do mundo, resta exultar, terminando como se começou, a descoberta emocionante e inacabada da disciplina que a estas questões se dedica:

A psicanálise, penetrando no mais recôndito e profundo, mas também no mais significativo, signifiante e real da vida de relação do homem, veio mostrar que o afecto é o traço indelével e o motor autentico do porquê e para que pensar. E que da elaboração da vida afectiva nasce uma nova realidade – a realidade psíquica. (. . .) O que é o afecto, como o tocamos, que uso dele fazemos? Se a esta pergunta soubermos

– ainda que parcelar e incompletamente – responder, talvez possamos dar uma visão impressiva do desenvolvimento...

(Matos, 1983, p. 478)

Referências

- Abraham, K. (1916-1925/1966). Essais théoriques. *Developpement de la libido. Oeuvres completes*, 2, pp. 231-251. Paris: Payot.
- Bick, E. (1968). The Experience of the skin in early object-relations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 49, 484-486.
- Bion, W. R. (1959/1988). Attacks on Linking. *Melanie Klein today: Developments in theory and practice I* (pp. 87-101). London: Routledge.
- Bion, W. R. (1962a/2003). A theory of thinking. In J. Raphael-Leff (Ed.), *Parent-infant Psychodynamics: wild things, mirrors and ghosts* (pp. 74-82). London: Whurr.
- Bion, W. R. (1962b/1991). *Learning from experience*. London: Karnac Books.
- Bion, W. R. (1963/1989). *Elements of psychoanalysis*. London: Maresfield Library.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. London: Karnac Books.
- Caper, R. (1998). Psychopatology and primitive mental states. *International Journal of Psycho-Analysis*, 79, 539-551.
- Cassese, S. F. (2002/2003). *Introduction to the work of Donald Meltzer*. London: Karnac Books.
- Chabert, C. (1997/2003). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi.
- Chabert, C. (1998/2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, A. C. (1983). O desenvolvimento infantil na teoria psicanalítica. *Análise Psicológica*, 4(3), 477-486.
- Freud, S. (1905/1969). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In J. Salomão (Ed.), *Sigmund Freud, vol. 7. 1901-1905/1969 – Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915/1969). Luto e Melancolia. In J. Salomão (Ed.), *Sigmund Freud vol. 14. 1914-1916 – A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (pp. 249-263). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/1969). O Ego e o Id. In J. Salomão (Ed.) *Sigmund Freud, vol. 19. 1923/1969-1925 – O Ego e o Id e outros trabalhos* (pp. 33-40). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1938). The splitting of the Ego in the defensive process. *International Journal of Psycho-analysis*, 22(1), 65-68.
- Klein, M. (1946/1987). Notes on some schizoid mechanisms. *Envy and gratitude and other works*, pp. 1-24. London: Hogarth Press.

- Klein, M. (1948/1987). On the theory of anxiety and guilt. *Envy and gratitude and other works*, pp. 25-42. London: Hogarth Press.
- Klein, M. (1958). On the development of mental functioning. *International Journal of Psycho-analysis*, 39(2/3), 84-90.
- Marques, M. E. (1996). Comunicação, interpretação e simbolização no/para o Rorschach. *Análise Psicológica*, 1(14), 39-44.
- Meltzer, D. (1973/1990). Sexual states of mind. Perthshire: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1974/1994). Adhesive identification. In A. Hahn (Ed.), *Sincerity and other works: Collected papers of Donald Meltzer* (pp. 335-350). London: Karnac Books.
- Meltzer, D. (1978a/1994). A note on introjective processes. In A. Hahn (Ed.), *Sincerity and other works: Collected papers of Donald Meltzer* (pp. 458-468). London: Karnac Books.
- Meltzer, D. (1978b/1998). *The kleinian development*. London: Karnac Books.
- Meltzer, D. (1984). *Dream-life*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1986). *Studies in extended metapsychology: Clinical applications of Bion's ideas*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1991/1992). The role of the claustrum in the onset of schizophrenia. *The Claustrum: An investigation of claustrophobic phenomena*, pp. 117-126. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1992). *The Claustrum: An investigation of claustrophobic phenomena*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D., Bremner, J., Hoxter, S., Weddell, D. & Wittenberg, I. (1975). *Explorations in autism*. Strath Tay: Clunie Press.
- Meltzer, D. & Williams, M. H. (1988/1994). *A Apreensão do Belo: O papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. H. (1989). *The primitive edge of experience*. London: Jason Aronson Inc.
- Rausch de Traubenberg, N. (1981/1983). Actividade perceptiva e actividade fantasmática no teste de Rorschach. O Rorschach: espaço de interacções. *Análise Psicológica*, 1(4), 17-22.
- Willoughby, R. (2001). 'The Dungeon of Thyself': The Claustrum as pathological container. *International Journal of Psycho-Analysis*, 82(5), 917-931.
- Winnicott, D. W. (1960). *The Maturation Processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development*. London: Karnac Books.
- Winnicott, D.W. (1971/1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Anexo A

Tabela A1

Procedimentos de análise

Áreas Geográficas	Características do espaço	No Rorschach...
Mundo Externo	Realidade concreta: suscita movimentos adaptativos;	Situação Rorschach: a análise da cotação revela a capacidade de organização do sujeito face à “mudança catastrófica”. A qualidade formal das respostas e o tempo de latência atestam a capacidade de adaptação enquanto as críticas subjectivas e os comentários ao material revelam desconforto/dificuldade nesta tarefa, representando a recusa a sua impossibilidade.
	Realidade psíquica: Lugar de objectos e acontecimentos que causam impacto emocional e obrigam à atribuição de significado.	Aparte dos aspectos supracitados, a análise dos conteúdos associada à qualidade formal, bem como a presença de banalidades, dão conta do sucesso da simbolização e assim da capacidade de dar significado à realidade externa. Inibição e recalçamento revelam dificuldade/impossibilidade de cumprir esta tarefa
	Diferenciação face ao mundo interno;	Existência de espaço delimitado (respostas de boa qualidade formal

Mundo interno (cont.)		associadas a G, D e Dd).
Útero	Indiferenciação interno/externo (objecto ainda não concebido);	Anulação ou negação da relação, ou ainda relação fusional em cartões que apelam particularmente à sua representação (II, III, VII e VIII). Observação de simetria.
		Impossibilidade de destacar a figura do fundo (G bl e D bl).
		Ausência de delimitação (C, C' e E).
	Contenção primordial;	Limites imprecisos (F±, CF, C'F, EF e ClobF).
	Processos amentais e proto mentais com tradução limitada.	Impossibilidade de elaboração simbólica (Recusa, choque, tempo de latência por cartão muito baixo ou muito elevado, dificuldade na leitura do conteúdo manifesto, ausência ou escassez de ressonância do conteúdo latente e G impreciso).
Interior dos objectos externos	Desconhecido/misterioso;	Distância e diferença (precauções verbais, comentários ao material e observações de cor e simetria).

Interior dos

objectos
externos
(cont.)

Imaginado: empresta formas com
base nas funções percebidas;

Significado atribuído com base
nos equivalentes internos.

Respostas de predominância formal (F+,
F±, F-, FC', FC, FE e FClob).

Conteúdos.

Interior dos
objectos
internos

Diferentes níveis de
integração/maturidade:

(a) Clivagem vertical
(qualidades);

Responsividade aos cartões compactos
(I, IV, V, VI e IX)

Objecto parcial (D, Dd e kp) vs. Objecto
total (G e K, kan);

Relação entre a prevalência de
conteúdos A, (A), (H), Ad e Hd e
conteúdos H.

(a) Bom objecto (idealização, temáticas
de satisfação, conforto e benevolência,
comentários ao material com conotação
positiva);

Mau objecto (temáticas/elementos de
agressividade e perseguição, choque
manifesto – recusa, silêncio, alusão
verbal ao medo ou às características
negativas do estímulo – Clob) ou objecto
ausente (temáticas de frio e vazio,
conteúdos Nat. e Elem. e centração nos

		detalhes brancos).
Interior dos objectos internos (cont.)	(b) Clivagem horizontal (funções - Compartimentalização do objecto materno):	(b) Respostas aos cartões que remetem para o objecto materno ou para a relação com o mesmo (I, VII e IX).
	- Cabeça/seio	- Temáticas regressivas, de indolência, prazer oral, conforto e sabedoria; Intelectualização; Reactividade às cores pastel e respostas E. Conteúdos A, (A), H, (H), Nat. e Bot.
	- Recto	- Temáticas de prazer anal, agressividade e perseguição; Reactividade ao vermelho; K de movimento, acção ou intensão (particularmente kp, kan e kob); Conteúdos crus (Sg., Anat.).
	- Vagina	- Temáticas de sexualidade e procriação; Maior prevalência de grandes cinestésias (K) e Kan em movimento, acção ou postura; Conteúdos (Sex., Sg., Anat., Nat.).
	(c) Imaginação vs. intrusão;	(c) Imaginação: Precaução verbal; G simples e elaborados;

Interior dos
objectos
internos
(cont.)

Respostas de boa qualidade formal;
Cinestésias de postura e movimento.

Intrusão:

Ausência de precaução verbal;

G contaminados e informulos;

Respostas F_{\pm} , F^{-} , $C'F$, CF , $ClobF$, C' , C
e $Clob$;

Cinestésias de acção e intenção. kob ;

Elementos persecutórios;

Referência ao interior do corpo (Anat.).

(d) Participação do objecto
paterno no objecto combinado:
protecção e policiamento vs.
criatividade;

(d) Respostas aos cartões IV e VI;

Análise das qualidades e funções: nível
de integração (Dd , D vs. G); função
(cinestésias ou ausência delas);
qualidades (respostas cor, conteúdos e
comentários).

(e) Identidade e identificação.

(e) Identidade:

Respostas aos cartões I, V e IX;

Bem/mal constituída (determinantes K e
 kan , associados a F_{+} / F^{-} , figuras
completas/incompletas e
íntegras/danificadas);

Identidade difusa (F_{\pm}).

Identificação:

Respostas aos cartões II, III, IV e VI;

Atribuição/não atribuição de género às

Interior dos objectos internos (cont.)	figuras humanas, concordante/não concordante com o género do sujeito; Análise dos conteúdos animais (bestiário).
---	---

Mundo interno	Relação entre as várias partes da personalidade (infantis/adultas) e os seus objectos: interacção das várias vivências constituídas;	Representação das relações nos cartões II, III, VII e VIII.
		Obs. Simetria.
		Capacidade de simbolização no cartão X.
		Investimento na realidade/complexidade: Análise dos Tipos de Apreensão; Produtividade (R e R por cartão).
		Análise dos determinantes cinestésicos.
		Análise global dos conteúdos e temáticas.
		Análise do T.R.I., F.C. e R.C.%
	Transformação/actualização constante.	Análise intra-cartão: Sucessão dos modos de apreensão; Variabilidade de conteúdos.
		Análise inter-cartões: Movimentos cuja influência se percebe no cartão precedente (fuga para a frente,

Mundo interno (cont.)	perseveração, formação reactiva, reparação); Variabilidade de respostas dadas em cartões cuja temática evocada é semelhante (relação, objecto interno materno/paterno, identidade).
-----------------------------	--

Sistema delirante	Receptáculo de ideias delirantes e objectos bizarros fruto do fracasso da função simbólica.	Presença de G sincréticos: Confabulados (DG, DdG e DblG) e Contaminados (D/G, Dd/G e Dbl/G). Respostas de má qualidade formal (F-). Equação simbólica (“isto é”/”de certeza” e K interpretativas, que indicam total desinserção da realidade).
----------------------	---	--

Anexo B

Protocolo de Rorschach

Nome: D.S.

Data de Nascimento: 20/12/1987

Idade: 24 anos

Nacionalidade: Cabo-verdiana

Estado Civil: Casada (Separada)

Nº de Filhos: 1 (R.D., nascido a 28/05/2011)

Escolaridade: 12º ano

Profissão: Estudante

Data de Aplicação da Prova: 23/04/2012

Tabela B1

Protocolo de Roschach

Tempo Total: 10'48''

Cartão	Respostas	Inquérito	Cotação
I	12''		
	1- Parece um bicho. Parece uma barata.	(Aponta D central), e aqui não é nada (D lat.)	1- D F+ A
	2- Um morcego.	Por causa das asas.	2- G F+ A Ban
	51''		
II	11''		
	3- Parece um bicho. Parece um... não sei... parece um bicho que tem assim umas garras... tipo... não sei, isso	Patas (D verm. sup.), corpo (D central), cabeça (verm. inf.). Garras ou patas, deve ser tipo os dedos.	3- G F± A

II (cont.)	não percebo muito bem.
1'07''	
III	11''
	<p>4- Parece que tem sangue. Não sei... Não sei o que é isto...</p>
	- Duas gotas de sangue (D verm. lat.).
	4- D CF Sg
	<p>5- Parece que tem dois olhos (D central inf.), aqui a boca (Dd pequenos perto dos olhos), e os olhos, e umas garras (D lateral). Parece um gafanhoto.</p>
	<p>Parece um caranguejo. Parece um gafanhoto mas como as garras estão assim (em arco) parece um caranguejo.</p>
	5- D bl F- A
	<p>(manipula o cartão mas não vê mais nada)</p>
	<p>R.A.1: D bl F- A</p>
	<p>(sugere pessoas?) Sim, mas é igual. Está a apanhar alguma coisa, parece um balde.</p>
	<p>R.A.2: D K H (só vê 1 pessoa)</p>
	<p>R.A.3: D F+ Obj</p>
	<p>Isto (D verm. central) não sei, sangue.</p>
	<p>R.A.4: D C Sg</p>
	2'

IV	27''	6- Isto tem duas asas, dois olhos... isto é um bicho mas não sei o quê... parece um bicho.	A cabeça (D central inf.), o corpo dele, as asas (D lat.inf.), braços (D lat.sup.).	6- G F± A →Clob (prova das escolhas)
	1'14''		V- Isto é um bicho. R.A: G F± A	
V	9''	7- A mim parece-me um morcego... duas daquelas coisas que eles têm (antenas D sup.), duas asas, duas patas (D central inf.).		7- G F+ A Ban
		8- Também parece uma pessoa com duas asas.		8- D/G F- H
		9- Parece o diabo. São esquisitas estas coisas!		9- G FClob- (H) →K
	1'20''			
VI	13''	10- Isto parece uma pele de animal estendida.		10- G F+ A Ban
		11- Aqui (D sup.) parece uma parte de dragão,		11- D F+ (Ad)

VI (cont.)	a cabeça. 55''		
VII	18''	12- Isto parece duas pessoas gémeas. Parece que está aqui um espelho no meio.	12- G F+ H (se existe um espelho é só uma pessoa...)
		13- Cabeça, tronco, mão, a base... Parecem duas estátuas.	13- G F+ Obj
	1'17''		
VIII	2''	14- Isto é mais colorido, parece um camaleão. Um camaleão aqui a subir, dois (D rosa. Lat.)	- Dois escorpiões. Só que também parece outra coisa, não sei dizer... Parece como uma preguiça. R.A.1: D F- A R.A.2: D F+ A - Aqui não vejo mais nada. Aqui (D cinza sup.) também podia ser a cabeça de um passarinho. R.A.3: D F+ Ad

VIII (cont.)	48''	Mais nada, não parece mais nada.	
IX	Também é mais colorido. Isto não parece nada. Não parece nada.		RECUSA
X	10''	15- Isto é o mais colorido de todos! Parece que tem duas flores (D amarelo e verde lat.). De resto não sei...	- Só tem duas flores, aquelas que parecem um jarro. 15- D FC Bot
	1'16''		

Prova das Escolhas

Escolhas positivas: - VII porque parece duas pessoas, é o mais bonito, o resto não gosto; - X porque também é mais bonito, tem cores, tem flores, os outros assustam-me.

Escolhas negativas: - IV porque é muito feio, o bicho é mais feio que os outros;

- V este faz-me lembrar tipo... isto é feio, parece o diabo, não gosto. Transmite algo tipo maldade. Faz-me lembrar o diabo, esse.

Tabela B2
 Psicograma

R:15 ↓	G:9	G%:60%↑↑	F:12	A:8	F%:80%↑
Recusa: IX↑	(D/G:1)		(F+:8)	(Ad):1	F%a:93%
T.T:10'48''↓↓			(F-:2)		
T.L.M:13''↑↑	D:6	D%:38%↓	(F±:2)	H:2	F+:%:75%↓
T.R:43''≈	(D bl:1)			(H):1	F+%a:71%
			CF:1		
			FC:1	Sg:1	A%:60%↑
			FClob-:1	Obj:1	H%:20%↑
				Bot:1	
			(→Clob:1)		Ban:3↓
			(→K)		

T.A: G D

Sucessão: Incoerente
 D,G; D; D bl; G; G,D/G,G;
 G; G,D; G,G; D; D.

T.R.I: 0K:1,5C – Extratensivo Puro
 F.C: 0k:0E

R.C%:13%↓↓
 L.A.%:7%

Elementos Qualitativos:

Choque: IX
 Eq. Choque: IV
 Perserv: II

Obs. Cor: VIII; X
 Obs. Sime: VII
 Crit. Obj: V; IX
 Crit. Subj: II

Prova das Escolhas: + :VII; X - :IV; V

Anexo C

Tabela C1

Análise do protocolo

Áreas	Procedimentos de análise	Dados do protocolo
Geográficas	(teoria/técnica)	
Mundo Externo	<p>Realidade concreta: suscita movimentos adaptativos.</p> <p>Situação Rorschach: a análise da cotação revela a capacidade de organização do sujeito face à “mudança catastrófica”.</p> <p>A qualidade formal das respostas e o tempo de latência atestam a capacidade de adaptação enquanto as críticas subjectivas e os comentários ao material revelam desconforto/dificuldade nesta tarefa, representando a recusa a sua impossibilidade.</p> <p>Realidade psíquica: Lugar de objectos e acontecimentos que causam impacto emocional e obrigam à atribuição de significado.</p> <p>Aparte dos aspectos supracitados, a análise dos conteúdos associada à</p>	<p>A percentagem elevada de respostas formais (F%=80%) indica uma necessidade de apoio na realidade externa, ainda que com sucesso reduzido (F+%=75%; F+%a=71%). As críticas subjectivas (cartão II) e comentários ao material (cartões V e IX), bem como o desconforto demonstrado ao longo da prova e a recusa (cartão X), dão conta de dificuldade de adaptação significativa.</p> <p>Os aspectos supracitados permitem inferir também a dificuldade na</p>

Mundo externo (cont.)	<p>qualidade formal, bem como a presença de banalidades, dão conta do sucesso da simbolização e assim da capacidade de dar significado à realidade externa.</p> <p>Diferenciação face ao mundo interno.</p> <p>Existência de espaço delimitado (respostas de boa qualidade formal associadas a G, D e Dd).</p>	<p>atribuição de significado ao mundo externo.</p> <p>A prevalência de conteúdos animais sobre os restantes conteúdos (9/15, apontando as respostas adicionais no mesmo sentido), a maioria com conotação agressiva, repelente ou duvidosa (“barata”, “morcego”, “camaleão”), e os restantes imprecisos (“bicho”) ou de má qualidade formal (“gafanhoto”), bem como a baixa presença de banalidades (3) sugerem, não só uma capacidade de simbolização limitada como uma atitude de estranheza e a percepção de perigo na realidade externa.</p> <p>Embora a maioria das respostas apreendidas em G e D sejam de boa qualidade formal (9/14), indicando a existência de um espaço delimitado e, assim, de diferenciação interno/externo, as imagens com limites imprecisos (3) e de má qualidade (2), que têm ainda expressão significativa nas respostas adicionais, sinalizam alguma fragilidade nesta configuração.</p>
Útero	Indiferenciação interno/externo	

	(objecto ainda não concebido).	
Útero (cont.)	Anulação ou negação da relação, ou ainda relação fusional em cartões que apelam particularmente à sua representação (II, III, VII e VIII).	A relação é anulada nos cartões II e III, onde não há referência sequer a personagens (a sugestão no inquérito ao cartão III resulta depois numa negação: R.A.2 “Está a apanhar alguma coisa, parece um balde”), e também no cartões VII (13-“isto parece duas pessoas gémeas, parece que está aqui um espelho no meio.”, sendo que na resposta seguinte a relação é fusional e petrificada: 14-“parecem duas estátuas”) e VIII (são representados dois animais sem qualquer menção à existência de relação entre eles).
	Impossibilidade de destacar a figura do fundo (G bl e D bl).	Presença de D bl no cartão III (tanto na resposta 5, como no inquérito na R.A.1).
	Ausência de delimitação (C, C’ e E).	(Apenas uma resposta C, no inquérito ao cartão III).
		Estes dados, sobretudo os que se referem à possibilidade de representar a relação, apontam para a não diferenciação do objecto.
	Contenção primordial.	
	Limites imprecisos (F±, CF, C’F,	A existência de limites imprecisos em

<p>Útero (cont.)</p>	<p>EF e ClobF).</p>	<p>três respostas (cartão II - F±; cartão III - CF; cartão IV), duas delas coincidentes com cartões de relação, remete para a existência de uma contenção primordial.</p>
	<p>Processos amentais e proto mentais com tradução limitada.</p>	
	<p>Impossibilidade de elaboração simbólica (Recusa, choque, tempo de latência por cartão muito baixo ou muito elevado, dificuldade na leitura do conteúdo manifesto, ausência ou escassez de ressonância do conteúdo latente e G impreciso).</p>	<p>A recusa no cartão IX e o tempo de latência médio muito elevado (13''), destacando-se os tempos de latência nos cartões IV e VIII que são de 27'' e 2'', respectivamente), tal como a inibição, presente em praticamente todos os cartões, revelam a dificuldade na leitura do conteúdo latente e sugerem, tal como a escassez significativa de ressonância do conteúdo latente (as produções são em geral muito limitadas e não respondem aos apelos do material, sobretudo na representação das relações e na identificação), apontam para uma presença importante de processos proto mentais.</p>
<p>Interior dos objectos externos</p>	<p>Desconhecido/misterioso. Distância e diferença (precauções verbais, comentários ao material e observações de cor e simetria).</p>	<p>A forte presença de precauções verbais no protocolo e os comentários ao material (cartões V e IX) e observações de cor (cartões VIII e X) e simetria (VII) sugerem uma distância</p>

<p>Interior dos objectos externos (cont.)</p>	<p>Imaginado: empresta formas com base nas funções percebidas.</p>	<p>relativa, num primeiro momento, entre a D. e o objecto externo desconhecido.</p>
	<p>Respostas de predominância formal (F+, F±, F-, FC', FC, FE e FClob).</p>	<p>O número muito elevado de respostas de predominância formal (14/15) aponta para um interior do objecto externo imaginado, contudo a presença de respostas imprecisas e de má qualidade (6/14) revela a existência, em alguns momentos, de confusão com o objecto.</p>
	<p>Significado atribuído com base nos equivalentes internos.</p>	
	<p>Conteúdos.</p>	<p>Os conteúdos apresentados (A, (A), H, (H), Sg., Obj., e Bot.) reflectem a resposta ao conteúdo latente dos cartões. Considerações acerca da sua variabilidade e natureza pertencem à caracterização de outras áreas geográficas.</p>
<p>Interior dos objectos internos</p>	<p>Diferentes níveis de integração/maturidade: Responsividade aos cartões compactos (I, IV, V, VI e IX)</p>	<p>As respostas a estes cartões permitem inferir sobre o interior dos objectos internos.</p>

<p>Interior dos objectos internos (cont.)</p>	<p>Objecto parcial (D, Dd e kp) vs. Objecto total (G e K, kan);</p>	<p>Em todos os cartões referidos, à excepção do IX (recusa) são dadas respostas em G, ainda que metade estejam associadas a formas imprecisas ou de má qualidade (3/6). São dadas ainda duas respostas em D (cartões I e VI). Não há respostas cinestésicas. Isto dá conta de diferentes níveis de integração, pondo em evidência a existência de objectos parciais bem constituídos, de objectos ainda em integração e de objectos totais. Estes níveis de integração e a sua variabilidade ao longo de cada cartão referem-se não só a um objecto específico (tratado adiante) como também ao processo que ele sofre face à apresentação do estímulo que o evoca. Assim sendo, é possível observar movimentos distintos (tratados adiante), consoante sucessão dos modos de apreensão (que é incoerente considerando todo o protocolo) e o conteúdo latente de cada cartão.</p>
	<p>Relação entre a prevalência de conteúdos A, (A), (H), Ad e Hd e conteúdos H.</p>	<p>A prevalência de conteúdos A, (Ad) e (H) sobre os conteúdos H nas respostas a estes cartões (7/8), e mesmo em todo o protocolo (10/15) sugere a predominância de imaturidade.</p>
	<p>a) Clivagem vertical (qualidades);</p>	

Interior dos objectos internos (cont.)	Bom objecto (idealização, temáticas de satisfação, conforto e benevolência, comentários ao material com conotação positiva); Mau objecto (temáticas/elementos de agressividade e perseguição, choque manifesto – recusa, silêncio, alusão verbal ao medo ou às características negativas do estímulo – Clob) ou objecto ausente (temáticas de frio e vazio, conteúdos Nat. e Elem. e centração nos detalhes brancos).	A clivagem vertical está presente de forma clara nas respostas ao cartão V, contendo a resposta 8 – “pessoa com asas” uma idealização positiva que passa a ser extremamente negativa na resposta 9 – “parece o diabo”. A referência ao mau objecto aparece também no cartão I, sob a forma de “barata” (repulsiva) e no cartão IV concretizando-se num “bicho” impreciso, “muito feio (...) mais feio que os outros” (prova das escolhas).
---	---	---

b) Clivagem horizontal (funções -
Compartimentalização do objecto
materno):

Respostas aos cartões que remetem
para o objecto materno ou para a
relação com o mesmo (I, VII e IX).

- Cabeça/seio

Temáticas regressivas, de
indolência, prazer oral,
conforto e sabedoria;

Intelectualização;

Reactividade às cores pastel e
respostas E.

Conteúdos A, (A), H, (H), Nat.

A quase total ausência de referências
específicas aos compartimentos do
objecto materno (presença de
conteúdos A e H nos cartões I e VII,
respectivamente, que remetem para o
seio/cabeça), sugere um
funcionamento mais primitivo no qual
a representação do objecto interno é
muito precária.

A análise das respostas ao cartão I, que
reenvia para uma imago materna pré-
genital, transparece repulsa e
estranheza.

<p>Interior dos objectos internos (cont.)</p>	<p>e Bot.</p> <p>- Recto</p> <p>Temáticas de prazer anal, agressividade e perseguição; Reactividade ao vermelho; K de movimento, acção ou intensão (particularmente kp, kan e kob); Conteúdos crus (Sang., Anat.).</p> <p>- Vagina</p> <p>Temáticas de sexualidade e procriação; Maior prevalência de grandes cinestésias (K) e Kan em movimento, acção ou postura; Conteúdos (Sex., Sang., Anat., Nat.).</p>	<p>O cartão VII, por seu turno, dá conta de uma indiferenciação self/objecto (12- “isto parece duas pessoas gémeas.”) e assim do carácter fusional e dependente da relação com a mãe que, podendo ser representada (13- “parecem duas estátuas”), aparece petrificada, rígida.</p> <p>Por fim, a recusa no cartão IX sugere a impossibilidade de regressão e de elaboração da relação, o que vai ao encontro da indiferenciação indiciada anteriormente (quer na caracterização da vivência do útero, quer nas respostas que aqui se tratam), e pode também associar-se à impossibilidade de preencher um vazio “atribulado” que está patente na história pessoal, quando considerado o excesso de estímulo que este cartão impõe.</p>
	<p>c) Imaginação vs. intrusão;</p> <p>Imaginação: Precaução verbal; G simples e elaborados; Respostas de boa qualidade formal; Cinestésias de postura e movimento.</p>	<p>Considerados apenas os cartões relativos ao objecto materno e à relação com o mesmo, os dados que se apresentam referem-se unicamente à imaginação (precauções verbais e G simples de boa qualidade formal nos</p>

Interior dos objectos internos (cont.)	Intrusão: Ausência de precaução verbal; G contaminados e informulados; Respostas F±, F-, C'F, CF, ClobF, C', C e Clob; Cinestésias de acção e intenção. kob; Elementos persecutórios; Referência ao interior do corpo (Anat.).	cartões I e VII) ou à impossibilidade de simbolização (cartão X). Nos restantes cartões compactos embora haja uma predominância de referências à imaginação, é possível encontrar alguns dos itens descritos para a intrusão (ausência de precaução verbal e elementos persecutórios no cartão IV e G/D e imagem persecutória no V), no entanto, dadas as evidências de um funcionamento mais precoce (ao nível da clivagem vertical), estas informações parecem mais adequadas à qualificação do objecto interno.
d) Participação do objecto paterno no objecto combinado: protecção e policiamento vs. criatividade;		
	Respostas aos cartões IV e VI; Análise das qualidades e funções: nível de integração (Dd, D vs. G); função (cinestésias ou ausência delas); qualidades (respostas cor, conteúdos e comentários).	A resposta dada ao cartão IV evidencia um objecto interno ainda não completamente constituído (impreciso), sem função definida (ausência de cinestésias), “muito feio (...) mais feio que os outros.” (prova das escolhas), persecutório (“olhos”) e poderoso (“asas”), e também assustador (→Clob; tempo de latência muito elevado). De salientar ainda a dúvida entre o “é” e o “parece” (que se concretiza no inquérito novamente com “é”), que sugere a dificuldade de travar a projecção, pondo em causa os

Interior dos
objectos
internos
(cont.)

limites entre a realidade e a fantasia (o que se constata também com F_{\pm}), quase numa precipitação para o sistema delirante.

Já no cartão VI a resposta 10- “isto parece uma pele de animal estendida.” parece indicar passividade ou impotência perante um objecto controlador, mítico e poderoso (11- “parece uma parte de dragão, a cabeça”), consistente com o apresentado no cartão IV, aqui mais elaborado, ainda que incompleto. A análise destas respostas parece apontar não para um objecto paterno identificado como tal mas para um estado de indiferenciação no qual o objecto ausente é representado como mau objecto, podendo eventualmente a sua ausência ser atribuída na fantasia à existência do pai.

e) Identidade e identificação.

Identidade:
Respostas aos cartões I, V e IX;
Bem/mal constituída
(determinantes K e kan, associados a F_{+} / F_{-} , figuras completas/incompletas e íntegras/danificadas);
Identidade difusa (F_{\pm}).

As respostas dadas ao cartão I (1- “parece um bicho. Parece uma barata.” e 2- “um morcego.”) apontam para um esforço de estruturação e diferenciação, deixando a sensação de uma identidade apesar de tudo algo repulsiva, dadas as características das imagens.

As respostas dadas ao cartão V

Interior dos
objectos
internos
(cont.)

mostram num primeiro momento o esforço de coesão identitária (7- “a mim parece-me um morcego...”), no entanto logo a seguir evidenciam uma desorganização na idealização confusa de “uma pessoa com duas asas” (resposta 8), imagem de poder e autonomia que remete para fragilidade e aprisionamento, transformada rapidamente no “diabo” (resposta 9. Clivagem), projectando uma identidade tida como maléfica (escolha negativa), que é em simultâneo mal-amada e repelida. Finalmente a recusa no cartão IX pode também remeter para a impossibilidade de elaboração face a um apelo mais complexo e exigente.

Identificação:

Respostas aos cartões II, III, IV e VI;

Atribuição/não atribuição de género às figuras humanas, concordante/não concordante com o género do sujeito;

Análise dos conteúdos animais (bestiário).

Aparte da ausência de representação da relação, que permitiria a identificação com um dos personagens, não há qualquer referência ao género nas respostas dadas a estes cartões, o que dá conta de uma indiferenciação também a este nível e da impossibilidade de elaborar a temática do desenvolvimento psicosexual. As respostas ao cartão III merecem aqui especial atenção. Enquanto a primeira (4- “parece que tem sangue.”) sugere ferimento ao nível da

Interior dos
objectos
internos
(cont.)

representação de si, na segunda (5-
“(…) parece um gafanhoto.”) assiste-se
ao combate à angústia de fragmentação
com tentativa de unificação através da
inclusão do branco, que não deixa de
ser vazio. O “gafanhoto” pode
minimizar o impacto do conteúdo
latente (pequeno e frágil), ainda que
não anule a importância dos aspectos
persecutórios (“garras” e “olhos”), ou
constituir uma representação de si,
evidenciando fragilidade, vazio interior
e ferimento (R.A.4.- “sangue”). Por
outro lado, a decisão pelo “caranguejo”
(R.A.1) enfatiza a necessidade de
protecção (carapaça) mas em
simultâneo indicia rigidez e
agressividade (“garras”). A relação e a
identificação são evitadas a todo o
custo através da indiferenciação
(apenas uma pessoa, sem sexo), da
banalização e de uma completa
ausência de afectos relativamente ao
apelo do conteúdo manifesto (R.A.2
[sugere pessoas?] “sim, mas é igual.
Está a apanhar alguma coisa...”; R.A.3
“parece um balde”).

As respostas aos cartões IV e VI,
analisadas em pormenor anteriormente,
apontam, no que se refere à
identificação, para estranheza,
imprecisão e um poder sobrenatural,
ainda que parcial, que provoca

Interior dos objectos internos (cont.)		<p>impotência.</p> <p>Tudo isto corrobora a predominância de um funcionamento primitivo, no qual a identificação é impossibilitada pela ausência de diferenciação self/objecto.</p>
---	--	---

Mundo interno	<p>Relação entre as várias partes da personalidade (infantis/adultas) e os seus objectos: interacção das várias vivências constituídas</p> <p>Representação das relações nos cartões II, III, VII e VIII.</p> <p>Obs. Simetria.</p> <p>Capacidade de simbolização no cartão X.</p>	<p>Conforme o observado anteriormente, verifica-se uma dificuldade muito significativa na representação das relações, sendo que a representação mais elaborada (no cartão VII) aponta para a indistinção e para a fusão.</p> <p>A observação de simetria existente é feita também no cartão VII, reforçando o que sobre ele se disse.</p> <p>A resposta ao cartão X (15- “parece que tem duas flores”, especificadas como “jarros” no inquérito) leva a crer que face à dispersão a angústia é colocada em dois fragmentos (que fazem também referência ao duplo), e a sua potência destruidora torna-se frágil e delicada, revelando dificuldade na integração e necessidade de</p>
------------------	--	--

Mundo
interno
(cont.)

contenção (“jarro” no inquérito). Esta resposta parece ainda traduzir um mecanismo semelhante ao “dismantling”.

Análise do T.R.I., F.C. e R.C.%.

T.R.I (0K:1,5C) do tipo Extratensivo Puro, embora com valores muito baixos, F.C. (0k:0E) e R.C.% (13%↓↓) apontam uma tendência para o domínio de cargas afectivas, utilizadas inadequadamente com frequência, para a impulsividade e para alguma instabilidade, como para dificuldade na expressão dos afectos.

Investimento na
realidade/complexidade:

Análise dos Tipos de Apreensão;
Produtividade (R e R por cartão).

A apreensão predominante em G (60%, 8/9 simples e 1 sincrético), com percentagem baixa de D (38%) e sem presença de respostas Dd, juntamente com produtividade baixa (R=15 e número médio de respostas por cartão de 1,5) remetem para um investimento precário na realidade interna bem como para um funcionamento pouco complexo.

Análise dos determinantes
cinestésicos.

A ausência de cinestésias aponta no mesmo sentido, evidenciando falta de implicação, imaturidade, e impossibilidade de estabelecer relação entre as partes da personalidade,

Mundo interno (cont.)	Análise global dos conteúdos e temáticas.	eventualmente devido à sua fraca delimitação. As temáticas e conteúdos, na sua maioria associados a estranheza, medo, maldade, perseguição, repulsa e rigidez, parecem referir-se sempre a um mau objecto com impacto poderoso, o que levanta a possibilidade de isto traduzir a violência provocada pela sua ausência ou incapacidade de resposta (o que vai ao encontro da história pessoal). Todos estes dados parecem remeter para a indiferenciação e impossibilidade de relação entre as partes da personalidade, dando conta de uma imaturidade consistente com um funcionamento primitivo.
	Transformação/actualização constante.	
	Análise intra-cartão: Sucessão dos modos de apreensão; Variabilidade de conteúdos.	A sucessão incoerente sugere uma apreensão arbitrária das manchas que, também devido ao reduzido número de respostas dadas em cada cartão (uma resposta em metade dos cartões, e apenas duas em quatro deles), regra geral não dá conta de uma transformação mas antes de um esforço

Mundo
interno
(cont.)

de organização e controlo (sugerido pela prevalência de respostas G). A escassa variabilidade de conteúdos atesta isso mesmo. Contudo podem observar-se alguns movimentos de actualização sobretudo no cartão V, onde parece haver um aprofundamento (equivalente a maior liberdade de projecção) do conteúdo latente evocado, no cartão VI, onde são dadas duas imagens completamente distintas, e no cartão VII, onde se observa num primeiro momento uma indistinção e depois uma distinção rígida.

Análise inter-cartões:

Movimentos cuja influência se percebe no cartão precedente (fuga para a frente, perseveração, formação reactiva, reparação); Variabilidade de respostas dadas em cartões cuja temática evocada é semelhante (relação, objecto interno materno/paterno, identidade).

Além da perseveração, concretizada na frequência da resposta “bicho”, é possível constatar “fuga para a frente” entre os cartões IV e V e os cartões VII e VIII, através da diferença significativa entre os tempos de latência dos dois pares (resposta ao segundo cartão substancialmente mais rápida) e da adição de observação cor no segundo caso, e também formação reactiva (obs. Cor) e reparação (15- “parece que tem duas flores”) no cartão X.

Não se verifica variabilidade significativa (além do que se referiu no item anterior) nas respostas dadas a cartões cuja temática evocada é

<p>Mundo interno (cont.)</p>		<p>semelhante.</p> <p>De um modo geral estes dados reflectem um mundo interno em transformação, mas uma actualização lenta e difícil, que promove uma generalização na tentativa de organização, em grande parte sem sucesso.</p>
<p>Sistema delirante</p>	<p>Receptáculo de ideias delirantes e objectos bizarros fruto do fracasso da função simbólica.</p> <p>Presença de G sincréticos: Confabulados (DG, DdG e DblG) e Contaminados (D/G, Dd/G e Dbl/G).</p> <p>Respostas de má qualidade formal (F-).</p> <p>Equação simbólica (“isto é”/”de certeza” e K interpretativas e delirantes, que indicam total desinserção da realidade).</p>	<p>A presença de um G contaminado (cartão V), de três respostas de má qualidade formal e a dúvida expressa do cartão IV (6- “é (...) mas não sei (...) parece”, e no inquérito “é”) dão conta de um esforço de controlo e organização que, apesar de um modo geral conseguido (ainda que de forma precária), parece por vezes estar perto de falhar por completo, colocando a D. à beira do precipício que é o “lugar nenhum” do sistema delirante.</p>

